

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

Carlos Ibrahim Daura Filho

Discussões e reflexões sobre o período das cruzadas: quem eram
os verdadeiros bárbaros?

Uberlândia - MG

2012

5.09.11

Carlos Ibrahim Daura Filho

3421012600

Discussões e reflexões sobre o período das cruzadas: quem eram
os verdadeiros bárbaros?

Monografia apresentada à Coordenação
do Curso de História, do Instituto de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência parcial para
a obtenção do grau título de Bacharel em
História, sob a orientação do Prof.Dr.
Leandro José Nunes.

Uberlândia - MG

2012

FILHO, Carlos Ibrahim Daura. (1990)

Discussões e reflexões sobre o período das cruzadas: quem eram os verdadeiros bárbaros?

Carlos Ibrahim Daura Filho – Uberlândia 2012.

Orientador: Prof.º Dr.º Leandro José Nunes

Monografia – Universidade Federal de Uberlândia – Curso de Graduação em História.

Inclui bibliografia.

Cruzadas – Povos árabes – Barbárie.

CARLOS IBRAHIM DAURA FILHO

Discussões e reflexões sobre o período das cruzadas: quem eram
os verdadeiros bárbaros?

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr.º Leandro José Nunes

Prof.º Dr.º Sérgio Paulo Moraes

Prof.ª Dr.ª Dilma Andrade de Paula

UBERLÂNDIA

2012

A meu pai, Carlos Ibrahim Daura.

AGRADECIMENTOS

Ao curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, pela oportunidade de estudo ao longo destes cinco anos.

Ao Prof.º Dr.º Leandro José Nunes, pelo trabalho em conjunto.

Aos professores: Dr.º Sérgio Paulo Moraes e Dr.ª Dilma Andrade de Paula, integrantes da banca examinadora desta monografia, pela atenção e leitura do meu trabalho.

Aos meus amigos e colegas, pelas experiências vividas, tristezas e alegrias compartilhadas durante minha graduação.

À minha mãe Maria de Lourdes Lima Alves Daura, aos meus irmãos Samir e Vitor, e a minha prima Samira Daura.

*(Balian) - O que representa Jerusalém para
você?*

(Saladino) – Nada... Tudo!

(Cruzada – Direção: Ridley Scott – 2005)

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre o período das cruzadas. Analisa-se primeiramente um pouco da história e da formação da cultura dos povos árabes e, conseqüentemente, do Islamismo. Posteriormente são discutidos principalmente alguns conceitos como o medo e a barbárie. O presente trabalho apóia-se na perspectiva dos povos árabes para mostrar uma visão destes sobre os ocidentais no período que se passa entre a primeira e segunda cruzadas. As fontes utilizadas são diversas, mas se sobressai no trabalho a obra de Amin Maalouf "*As cruzadas vistas pelos árabes*", na qual o autor utiliza de relatos da época das cruzadas para fazer sua interpretação. E é a partir destas fontes utilizadas pelo autor que se propõe uma visão sobre quem eram os verdadeiros bárbaros.

Palavras-chave: Cruzadas - Povos árabes - Barbárie.

ABSTRACT

This work proposes a reflection about the Crusades period. First of all, an analysis is made about the history and the cultural formation of the arabian people, thus, Islamism. Thereafter, some concepts, like fear and barbarism, are openly discussed. The perspective of the Arabian people is supported, in order to show a vision from these people of the westerners, in the period throughout the first and the second Crusades. The sources used in this work are multiple, but the main reference is Amin Maalouf's work, "*The Crusades through Arabian's view*," in which the author uses reports from the crusades times in order to make his interpretation. And it is through these sources used by this author a vision of the real barbarians is proposed here.

Keywords: Crusades - Arabian people - Barbarism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
------------	----

1. A formação dos povos árabes: discussões sobre os períodos que precederam às cruzadas.	19
--	----

2. Quem eram os verdadeiros bárbaros?	37
---------------------------------------	----

CONCLUSÃO	50
-----------	----

Referências Bibliográficas	54
----------------------------	----

Apêndice	56
----------	----

Anexos	57
--------	----

Introdução

As Cruzadas foram um marco na história. Explicações sobre sua deflagração são diversas, sendo que a mais aceita é aquela relacionada ao fato de que, antes mesmo de seu início, o Ocidente, desde há algum tempo, vira-se na contingência de lutar contra os muçulmanos, que atacavam diretamente os territórios cristãos há anos.

O início das cruzadas pode ser datado do ano de 915, quando o papa João X envia soldados para a Campagna romana a fim de rechaçar os invasores muçulmanos. No ano de 1115, uma frota organizada pelo papa Urbano II partiu com o objetivo de acabar com a pirataria muçulmana, de Gênova para Sardenha¹. Os papas, ao longo do tempo, tentaram proteger as regiões mediterrâneas de novas investidas muçulmanas.

Desde o início do século VIII, a Espanha tinha sido dominada pelos árabes, obrigando, assim, os reinos cristãos a se refugiarem nas montanhas do leste. Portanto, o Islamismo de alguma forma foi se tornando uma ameaça para o mundo europeu. Isso está relacionado ao fato de que o Islã, após a morte de seu Profeta, iniciou um processo de expansão que atingiu diversas fronteiras e territórios, sendo que em seu apogeu constituiu um dos maiores impérios da história. Está foi a época dos Califados, forma política de organização do mundo árabe.

Nota-se que as cruzadas não se iniciaram subitamente, mas foram o resultado de um conjunto de atritos que já existiam há algum tempo, sendo sua deflagração uma tentativa do Ocidente cristão em dar uma resposta a uma expansão islâmica que ocorria de modo expressivo.

A ideia dos cristãos ocidentais de reconquistarem sua força foi um dos principais motivos para que houvesse as cruzadas. O Papa Gregório VII (1073-1085), que estimulou bastante o envio de tropas à Espanha, também tinha em mente enviar ajuda ao império bizantino. Ideia esta que permaneceu em suspensão até o Papa Urbano II colocá-la em prática. Grousset (1965)² ressalta que, apesar de Alexis Comneno, imperador bizantino da época, ter

¹ HITCHCOCK, Susan Tyler. **História das religiões: onde vive Deus e caminham os peregrinos**. São Paulo: Editora Abril. 2005.

² GROUSSET, René. **As Cruzadas**. São Paulo: EDIPE, 1965.

Obs: As referências utilizadas na obra "*As cruzadas vistas pelos árabes*" do autor Amin Maalouf, limitar-á a mencionar somente a página de tal livro, não se mostrará, portanto, a referência da fonte que o autor utilizou.

solicitado apoio contra os muçulmanos (Concílio de Placência, 1-7 de março de 1105), é falsa ideia que foi dele a iniciativa para se dar início à Guerra Santa. Tal projeto estava nos planos do pontífice Urbano II, que a expôs, após estar amadurecido seu plano, num manifesto solene, durante o concílio de Clermont-Ferrand, em 27 de novembro de 1095. Reforçando esta ideia,

Em 27 de janeiro de 1095, no concílio de Clermont, o papa Urbano II exortou os nobres franceses a libertar a Terra Santa e a colocar Jerusalém de novo sob soberania cristã, apresentando a essa expedição militar como uma forma de penitência. A multidão presente aceitou entusiasticamente o desafio e logo partiu em direção ao Oriente, sobrepondo uma cruz vermelha sobre suas roupas (daí terem recebido o nome de "cruzados"). Assim começavam as cruzadas. Foi o próprio Papa Urbano II, no Concílio de Clermont, em 1095, que exortou toda a cristandade a se comprometer com a recuperação da herança de Cristo, e restabelecer o domínio da Terra Santa e garantir a proteção dos cristãos contra o avanço dos Muçulmanos³.

A primeira cruzada, organizada pelo papa Urbano II, foi pensada como uma verdadeira Guerra Santa, muito mais do que propriamente uma mera resposta à expansão islâmica. Obviamente, que isto foi pensado de forma cuidadosa, para que houvesse uma aceitação positiva da população cristã, necessária para a guerra contra os muçulmanos. Mas isso não exclui que outras intenções existissem. É nítido que a Igreja Católica queria expandir seus territórios, sua influência e sua riqueza e, não meramente cruzar milhares de quilômetros para conquistar a Terra Santa. Centenas de cruzados enriqueceram com as expedições, com o colonialismo que provocaram no Oriente. As cruzadas foram, indubitavelmente, um meio para aquisição de riquezas.

A Igreja Romana viu nelas uma oportunidade de alargar para o Oriente os seus domínios, esfera de sua grande rival, a Igreja Grega. Os reis e senhores feudais da Europa Ocidental viam perspectivas de adquirirem novas terras e riquezas. Grandes senhores viam na guerra santa uma saída para os impulsos bélicos de seus turbulentos filhos mais moços. E o clero esperava encontrar um escoadouro para os rixentos e desordeiros. Os próprios cruzados obedeciam a impulsos conflitantes. Tomando a cruz, tinham perfeita noção das recompensas prometidas pela Igreja – inclusive a remissão de penitências pelos seus pecados, e moratória para suas dívidas⁴.

Portanto, a ideia pregada pelo papa Urbano II, era apaixonante, capaz de suscitar uma mística coletiva, propagou-se de maneira incrível e mobilizou milhares de fiéis. As esperanças de alcançar riqueza, redimir os pecados e encontrar o paraíso moviam aqueles que

³ NAVARRO, Carlos. **Início das Cruzadas.** Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=em%2027%20de%20janeiro%20de%201095%2C%20no%20concilio%20de%20clermont%2C%20o%20papa%20urbano%20ii%20exortou%20os%20nobres%20franceses>>. Acessado em: 03/11/2012.

⁴ FREMANTLE, Anne. **Idade da fé.** Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1970., p. 53.

participavam dessas expedições. Além disso, acreditavam que Deus realmente estava ao seu lado.

A Igreja não era a única interessada no êxito dessas expedições: a nobreza feudal tinha interesse na conquista de novas terras; cidades mercantilistas como Veneza e Gênova deslumbravam com a possibilidade de ampliar seus negócios até o Oriente e todos estavam interessados nas especiarias orientais, pelo seu alto valor, como: pimenta-do-reino, cravo, noz-moscada, canela e outros. Movidas pela fé e pela ambição, entre os séculos XI e XIII, partiram para o Oriente oito Cruzadas⁵.

Estima-se que um décimo dos cruzados eram cavaleiros nobres, e o restante eram criados, trabalhadores comuns, peregrinos. Mulheres e crianças também participaram das cruzadas, carregando armas grosseiras e passando por situações de extrema dificuldade. Havia, também, os nobres cavaleiros Templários, que representavam a mais alta graduação militar do cristianismo. O grupo dos Templários foi formado após a primeira cruzada, para proteger a Terra Santa. Era a versão medieval das Forças Armadas, e obedeciam somente ao Papa. Eles expandiram suas atividades do campo de batalha ao comércio e finanças, para poderem financiar com recursos da Europa suas viagens à Terra Santa. Um século após o apogeu dos Templários, por volta de 1307, esses caíram em desgraça, acusados de heresia. Centenas deles foram parar nas fogueiras da inquisição. Sobre o advento do “militarismo” cristão, Le Goff, afirma que a

Europa feudal dos séculos XI e XII, é também aquela em que, em ligação com a Cruzada, aparece uma novidade na ordem monástica. São as ordens militares, sendo que as principais foram a Ordem dos Templários, a Ordem dos Hospitalares de São João de Jerusalém, a Ordem alemã de Santa Maria dos Teutônicos, a Ordem Inglesa de São Tomás de Acre e diversas ordens, na Península Ibérica, em ambiente espanhol e português. Estas ordens são feitas essencialmente para lutar pelo gládio, a oração e a conversão, contra os infiéis e os pagãos. Representam uma importante anulação da regra segunda a qual os clérigos não devem derramar sangue. São Bernardo, cisterciense, pouco inclinado a gostar das novidades, louva, no entanto, os cavaleiros daquilo que ele chama a *nova militia* engajados na cruzada. Mas essas ordens militares específicas substituirão, num clima geral de cristianismo, comportamentos militares. Embora não seja militar, a religião se torna, de maneira geral, militante. Assim parece uma noção destinada a uma grande sorte, a do militantismo⁶.

⁵ JUNIOR, Demercino. **Cruzadas**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiag/cruzadas.htm>>. Acessado em: 14/10/2012.

⁶ LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007, p.90.

A primeira cruzada⁷ começou imediatamente após o chamado do Papa Urbano II. Iniciou-se a organização de um exército em Constantinopla que, posteriormente, seguiria rumo a Jerusalém. “Em um ano e meio, todos nos encontraremos em Constantinopla. De lá nos organizaremos em um exército cristão, sob um único comando, que marchará de Constantinopla a Jerusalém”⁸.

Nessa época Paris, Londres e Roma eram pouco mais que vilas, com a sua feira. Constantinopla tinha ruas pavimentadas, iluminadas à noite, lojas abrigadas em colunatas, parques, teatros, um hipódromo, mansões para os ricos, blocos de residências operárias, a incomparável igreja de Hagia Sophia, e o palácio imperial, repleto de mármore, mosaicos, pedras raras, e suntuosas tapeçarias. A riqueza da cidade era tentadora, e os cruzados não reprimiram o ímpeto de saquear e roubar⁹.

Diversas expedições partiram rumo ao Oriente, envolvendo milhares de cristãos, de todas as classes sociais. Num período que se estendeu por cerca de duzentos anos de guerras, muitos daqueles que partiram rumo a Jerusalém, jamais chegaram ao seu objetivo. Morreram de sede, fome, doenças ou ficaram pelos caminhos.

Grande parte da historiografia considera a nona cruzada como continuação da oitava, a Cruzada das Crianças é vista como um misto de fantasia e fatos. A própria Cruzada Popular liderada por Pedro o Eremita, não é considerada em diversos casos uma expedição militar, pois não havia organização nenhuma apesar de ter mobilizado milhares de pessoas, que em sua maioria eram pessoas totalmente sem perspectiva de vida, e encontrariam nas cruzadas algo para poderem redimir de suas vidas mundanas.

O fato é que as cruzadas mudaram a dinâmica do mundo. É difícil de definir suas principais motivações, ou seja, abordar todas as intenções que estavam por trás desses movimentos. Mas é mais difícil ainda falar das cruzadas sem mencionar que o ponto quase obrigatório de partida para qualquer pesquisa sobre os aspectos emocionais das cruzadas deve levar em conta a atuação do Papa Urbano II, o principal designer da empresa cristã no exterior. Em sua carta aos fiéis no Flandres (Dezembro de 1095), escrito logo após o

⁷ As cruzadas se subdividiram em: Cruzada Popular ou dos Mendigos (1096), Primeira Cruzada (1096-1099), Segunda Cruzada (1147-1149), Terceira Cruzada (1189-1192), Quarta Cruzada (1202-1204), Cruzada Albigena, Cruzada das Crianças (1212), Quinta Cruzada (1217-1221), Sexta Cruzada (1228-1229) Sétima Cruzada (1248-1250), Oitava Cruzada (1270) e Nona Cruzada (1271 - 1272). Estas datas não necessariamente referem-se ao exato momento do acontecimento de cada uma, trata-se, portanto de aproximações, em que pese o grande número de cruzadas nem mesmo a existência de todas pode ser considerada como certa.

⁸ CRUZADA. Direção: Ridley Scott. 20th Century Fox. Reino Unido, 2005.

⁹ FREMANTLE, A. Op. Cit., p. 57.

Concílio de Clermont, o papa mencionou os principais fatores que impulsionara e legitimara a saída maciça dos fiéis para o leste:

We believe that you brethren, learned long ago from many reports the deplorable news that the barbarians in their frenzy have invaded and ravaged the churches of God in the eastern regions. Worse still, they have seized the Holy City of Christ, embellished by his passion and resurrection, and – it is blasphemy to say it – they have sold her and her churches into abominable slavery¹⁰.

A Igreja Católica tinha seu império ameaçado pela expansão islâmica, a crise dominava a Europa, e a maioria do povo não tinha importância nenhuma para o Estado. Portanto, muitos tinham a fé como único meio de lidar com a vida, e se apegavam a ela como se fosse seu passe para o reino dos céus.

Respondemos com certeza que os que morrem em Batalha, lutando bravamente contra pagãos ou descrentes, receberão a vida eterna, pois Deus disse, através de seu Profeta: "A qualquer momento em que um pecador se converter, não mais me lembrarei de seus pecados." Papa João VIII¹¹.

As palavras supracitadas, ditas pelo Papa João VIII (820-882) ilustram bem como funcionava o pensamento daqueles que iam para o combate. A influência que exercia a Igreja Católica na Europa nesta época era extremamente forte. Podendo-se considerar como uma grande formadora de opinião, e de certa forma o veículo que carregava a responsabilidade de guiar os atos dos homens na terra.

As palavras de São Bernardo de Claraval (1090–1153) são ilustrativas. O Cristianismo que se encontrava em plena expansão estava batalhando contra seus inimigos: os inimigos da “verdadeira” fé.

Mas os soldados de Cristo combatem confiantes nas batalhas do Senhor, sem nenhum temor de pecar por pôr-se em perigo de morte, e por matar o inimigo. Para eles, morrer ou matar por Cristo, não implica em qualquer crime, pelo contrário, traz a máxima glória. Além disso, eles conseguem duas coisas: morrendo, servem a Cristo, matando; Cristo Se lhes entrega como prêmio. Eles aceitam gozosamente a morte do inimigo como uma vingança, e mais gozosamente ainda quando se dá como consolo ao soldado

¹⁰ *Die Kreuzzugsbriefe aus den Jahren 1088-1100*, ed. H. Hagenmeyer (Innsbruck, 1901), p. 136-137; trans. Riley Smith, Louise and Jonathan, *The Crusades: Idea and Reality 1095-1271* (London, 1981), p. 38., apud, MENACHE, Sophia. *Mirabilia 10: Love of God or Hatred of Your Enemy? The Emotional Voices of the Crusades*, Jan-Jun 2010.

Tradução: Acreditamos que sua ordem aprendeu há muito, por diversas transcrições, as deploráveis novidades que os bárbaros, em seu frenesi, invadiram e devastaram as Igrejas de Deus nas regiões orientais. Ainda pior, eles cercaram a Santa Cidade de Cristo, embelezada por Sua paixão e ressurreição, e – é blasfêmia dizer isso – eles venderam sua cidade e suas igrejas para a escravidão.

¹¹ CRUZADA. Direção e produção: Ridley Scott. 20th Century Fox. Reino Unido, 2005.

que morre por Sua causa. Em outras palavras: o soldado de Cristo mata com a consciência tranqüila, e morre com a consciência mais tranqüila ainda¹².

A partir do comando do papa Inocêncio III (1160-1216), houve o que os historiadores chamaram de institucionalização das cruzadas, em que

[...] as quase duas décadas de governo do papa Inocêncio III sobre a igreja romana constituíram o ambiente histórico da institucionalização das cruzadas, de sua transformação em empreendimentos coletivos racionalizados, duradouros e programáticos¹³.

Tal processo de institucionalização alcançou o registro escrito com a confecção da *Ad Liberandam* pelo Papado, em novembro de 1215. Sua promulgação se deu no IV Concílio de Latrão, onde sua bula indicava o modo de proceder e a convocação para uma nova cruzada pela retomada de Jerusalém. Seu texto inicia-se da seguinte forma:

Nosso mais ardente desejo é libertar a Terra Santa das mãos dos infiéis. Com este fim, depois de ter pedido e escutado o conselho de homens prudentes, bem informados das circunstâncias de tempo e lugar [relacionados ao nosso propósito], com a aprovação do santo concílio, estabelecemos o que segue. Que os cruzados se preparem e que, pelo menos todos os que dispuseram a viajar por mar, se reúnam nas kalendas de junho [dia 1] no reino de Sicília, uns em Brindisi e outros em Messina ou em seus arredores, segundo lhes convenha. Se Deus o permitir, nós nos mudaremos para ali pessoalmente, (...) que aqueles que não forem pessoalmente em ajuda à Terra Santa, participem na manutenção de um número apropriado de combatentes durante três anos, segundo seus recursos e bens, com vistas a alcançar, desta maneira, a remissão de seus pecados conforme os termos das encíclicas e das disposições ditas na continuação, para maior garantia. (...) Desejosos por oferecer aos prelados das igrejas e aos clérigos em geral a possibilidade de participar e serem consolados pelo mérito e pela recompensa [desta empresa], com a aprovação unânime do concílio, estabelecemos o que segue: todos os clérigos, tanto os subalternos como os prelados, dedicarão ao socorro da Terra Santa – durante três anos, por mediação dos mandatários da Sede Apostólica – a vigésima parte das rendas eclesiásticas¹⁴.

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo mostrar uma interpretação de como os povos árabes enxergaram as invasões ocidentais, e qual foi a impressão que os árabes tiveram do outro, ao terem seus territórios invadidos por eles. Para construir essa interpretação uma obra se mostra muito importante: “*As cruzadas vistas pelos árabes*” do autor Amin

¹² SAN BERNARDO DE CLAVAVAL. “Las glorias de la nueva milicia”. In: **Obras completas de San Bernardo I**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), MCMXCIII, III, 4, p.503. BLASCO VALLÈS, apud, Almudena, e COSTA, Ricardo da (coord.). **Mirabilia 10. A Idade Média e as Cruzadas**, 2010.

¹³ RUST, Leandro D. **A medida da Terra Santa: A bula *Ad Liberandam* (1215) e a institucionalização das cruzadas**. In: Blasco Vallès, Ricardo da Costa, (Coord). **Mirabilia 10: A idade Média e as cruzadas**. Jan-jun de 2010.

¹⁴ AD LIBERANDAM: CCQL, p. 110-118; HEFELE-LECLERCQ, tomo V, parte II, p. 1390-1392; POTTHAST, 5012. In: Op. Cit., RUST, L. D., p. 89.

Maalouf¹⁵, cuja primeira edição foi escrita em 1983. Tal obra é importante para o trabalho por dois motivos: pela interpretação do autor e pelas fontes que utiliza. Apoiando-me nessas fontes, pretendo elaborar uma reflexão sobre o impacto das cruzadas sobre os povos árabes. No prefácio do livro o autor afirma que pretende

[...] contar a história das cruzadas como elas foram vistas, vividas e relatadas pelo “outro lado”, isto é, pela perspectiva árabe. O conteúdo dessa narrativa baseia-se, quase que exclusivamente, em testemunho de historiadores e cronistas árabes da época. Estes não falam em cruzadas, mas sim em guerras ou invasões dos francos. O conceito que designa os francos é transcrito pelos árabes de diferentes formas segundo as regiões, os autores e os períodos das invasões (*faranj*, *faranjat*, *ifranj*, *Ifranjat*...). Para unificar, escolhemos o mais conciso, e, sobretudo o que serve hoje ainda à fala comum para indicar os ocidentais, mais particularmente os franceses: *franji*¹⁶.

Utilizo, juntamente à obra de Amin Maalouf, diversos outros autores para auxiliar na discussão de temas importantes para o trabalho¹⁷. Subsidiariamente, o filme dirigido por Ridley Scott “*Cruzada*” (2005)¹⁸, também contribui para esta reflexão. Esse filme, cuja trama se passa no século XII, é baseado na história das 2ª e 3ª cruzadas e ambientado principalmente em Jerusalém. Recria personagens que de fato existiram, com exceção de alguns personagens.

Ridley Scott, em sua representação sobre as cruzadas, valoriza, de um momento histórico em que a paz estava reinando sobre Jerusalém e, de fato, sempre esteve a ponto de ser rompida, pelo fato de as duas culturas tão diferentes, estarem em constantes atritos. O filme se passa no momento histórico em que o sultão Saladino¹⁹ está no auge de seu poder, e tem o reino cristão de Jerusalém cercado por seu grande exército. Os principais personagens do filme são: Balian (Orlando Bloom) que representa um jovem cruzado em busca da redenção de seus pecados, a princesa de Jerusalém Sibylla (Eva Green) que era irmã do Rei Baldwin IV (Edward Norton) e esposa de Guy de Lusignan²⁰ (Marton Csokas). Outra figura

¹⁵ Amin Maalouf nasceu em 25 de fevereiro de 1949, nas proximidades de Beirute. É um escritor libanês autor de renomados livros e é membro da Academia Francesa desde 2011. Foi chefe de redação do *Jeune Afrique* e mais tarde editorialista do mesmo. Trabalhou em mais de 60 países e ganhou diversos prêmios como: Prix des Maisons de la Press pela obra “*As cruzadas vistas pelos Árabes*”

¹⁶ MAALOUF, A. **As cruzadas vistas pelos árabes**. 3ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. p. 10.

¹⁷ Neste trabalho, as principais discussões foram feitas com obras dos seguintes autores: Jacques Le Goff, Albert Hourani, Desmond Stewart, Jean Delumeau, René Grousset, Edward W. Said, Anne Fremantle e Amin Maalouf.

¹⁸ Conferir, Anexo II.

¹⁹ Saladino foi um dos homens mais importantes do período das cruzadas. Foi ele quem ditou a reação islâmica contra os ocidentais reconquistando Jerusalém. Foi um chefe militar curdo, tornou-se sultão do Egito e da Síria, e possuía um respeito muito grande inclusive dos seus adversários.

²⁰ Guy de Lusignan (1150-1194), foi um nobre cavaleiro francês. Tornou-se regente e depois monarca do reino de Jerusalém, ao se casar com a princesa Sibila de Jerusalém no ano de 1180.

importante é a de Renaud de Châtillon²¹ (Brendan Gleeson), um dos cavaleiros cruzados responsáveis pelo rompimento da paz entre o reino cristão e muçulmano.

No filme “*Cruzada*”, se encontra fora de seu tempo o Rei Baldwin IV, que faleceu anos antes dos fatos encenados no filme. O romance entre os protagonistas Balian e Sibylla não existiu de fato. Porém, o filme tentou preservar uma visão de como era a personalidade de cada um. Uma crítica interessante a se fazer, é que a Terra Santa, Jerusalém, está longe de ser na época uma cidade provinciana como é mostrado no filme, sabe-se que Jerusalém é uma das cidades mais antigas do velho-mundo, e o filme mostra que somente após a chegada dos cristãos, foi que a Terra Santa tornou-se uma cidade cosmopolita (no primeiro capítulo mostrará uma discussão sobre a importância de Jerusalém).

Torna-se nítido na trama que o diretor tinha uma proposta louvável, qual seja a tolerância entre os povos. Como é indicado no final do filme: “Ricardo coração de leão foi até a Terra Santa e lutou durante três anos. Sua luta acabou numa trégua incomoda com Saladino. Quase mil anos depois a paz no reino no céu parece elusiva”. Não foi em vão que ele colocou a palavra elusiva, mas foi justamente para chamar atenção que a diferença entre os povos ainda predomina de forma gritante no globo. O principal apoio deste filme para o trabalho é uma comparação que será feita (segundo capítulo) entre os líderes francos, e mais precisamente Saladino.

Para construir uma interpretação da visão dos árabes sobre os ocidentais, é discutido o significado e os efeitos que a barbárie praticada pelos *franj* representou para os povos árabes, para deste modo, poderem construir uma imagem do outro. Através das fontes serão abordados temas importantes como a formação da cultura árabe-muçulmana, o medo, a barbárie e a questão de Jerusalém.

O trabalho está dividido em dois capítulos e uma conclusão. No primeiro capítulo, intitulado A formação dos povos árabes: períodos que precederam às cruzadas, apresento uma breve discussão sobre os povos árabes. Esta discussão se mostra necessária para mostrar a formação e a expansão destes no período que antecede às cruzadas. Para abordar tal tema, a

²¹ Renaud de Chatillon (morte em 1187), foi um cavaleiro que serviu na segunda cruzada e por lá se quedou até o fim dos seus dias. De origem duvidosa, crê-se de Chatillon-sur-Marne, na província de Champagne. Causou problemas envolvendo o reino cristão e os muçulmanos, acabando por ter influência em determinados acontecimentos que provocariam a Batalha de Hattin e, no seguimento desta, com a perda de Jerusalém no ano de 1187.

referência utilizada será principalmente a obra de Albert Hourani²²: “*Uma história dos povos árabes*”. O conteúdo deste livro é a história das regiões de língua árabe do mundo islâmico. A escolha desse autor para abordar tal tema apóia-se na qualidade da obra. Baseando-se em fontes da época quanto nos melhores estudos contemporâneos, Hourani consegue apresentar de forma clara e sucinta, um enorme volume de informações condizentes com a história das sociedades árabe e islâmica.

Em seguida, serão abordados principalmente os fatos ocorridos na 1ª e 2ª Cruzada, de como os árabes enxergaram as invasões/invasor. Para isso será feito um estudo das fontes utilizadas por Amin Maalouf em seu livro: “*As cruzadas vistas pelos árabes*”, onde em sua maioria são crônicas escritas por personagens da época das cruzadas, como cronistas, poetas, secretários particulares e governantes.

Por fim, neste primeiro capítulo, será feita uma discussão conceitual sobre a barbárie. Para abordar este tema é feita uma discussão com a obra “*De palabra y obra en el nuevo mundo*”, mas precisamente com o primeiro capítulo desta obra, escrito por Carlos Garcia-Gual, em que o mesmo faz um estudo sobre o tema da barbárie e seus significados para culturas distintas.

No segundo capítulo – Quem são os verdadeiros bárbaros? Faço um aprofundamento do tema barbárie, mas relacionada diretamente com as fontes utilizadas. Ou seja, tento mostrar elementos e imagens descritos nas fontes, que possam caracterizar os invasores como bárbaros.

Encerro o trabalho com uma conclusão que levanta questões pertinentes sobre as diferenças entre as culturas ocidentais e a dos povos árabes, chamando atenção para problemas que existem até os dias de hoje.

²² Albert Hourani nasceu em 1915, em Manchester (Inglaterra), de pais libaneses, e faleceu em 1992. Formado em Oxford, ali lecionou de 1948 a 1979. Foi professor visitante nas universidades de Chicago, Harvard e na American University em Beirute, e dirigiu o Middle East Centre, em Oxford.

Cap. I - A formação dos povos árabes: discussões sobre os períodos que precederam às cruzadas.

A Península Arábica localizada entre o Mar Vermelho e o Golfo Pérsico é o grande berço dos povos árabes. Descendentes dos antigos povos semitas²³, os árabes dominaram essa região, subdividindo-se em dois grandes grupos distintos, os semitas, que viviam como nômades no deserto e os comerciantes que se estabeleciam em grandes centros urbanos da Península (como Meca).

Segundo Rainer Sousa,

no aspecto político, até o século VI, os árabes se organizavam de forma descentralizada. Divididos em cerca de 300 tribos, os árabes nunca consolidaram um tipo de instituição política unitária. Muitas dessas tribos guerreavam entre si de acordo com as disputas de interesses entre cada uma delas. Essa mesma falta de unidade também se manifestava no campo religioso, na idolatria a diferentes deuses, geralmente antropozoomórficos²⁴.

Os povos que viveram nessas regiões por volta dos séculos VI-VII viajavam entre os desertos, portanto eram povos considerados nômades. Eram conhecidos como beduínos²⁵, e tinham como principais atividades a criação de animais. “Outros eram agricultores estabelecidos, cuidando de suas safras ou palmeiras nos oásis, ou então comerciantes e artesãos em pequenos vilarejos que sediavam feiras²⁶”. Diferentemente do que ocorria nas regiões litorâneas da península Arábica, onde se via um comércio desenvolvido, com grandes produções agrícolas, e rebanhos de animais que obrigavam os beduínos a se deslocarem constantemente em busca de pastagens, o que provocou disputas frequentes entre as tribos.

Constantemente os árabes se deslocavam para Meca, a fim de realizar cultos aos seus vários deuses, o que favoreceu as oportunidades de negócios, proporcionando o surgimento de uma rica classe de comerciantes em Meca, o principal centro religioso da região.

²³ Semita é o termo que designa um conjunto lingüístico composto por vários povos. A origem da palavra Semita está na Bíblia, mais precisamente no livro do Gênesis quando se trata da história de Noé. Nas escrituras judaicas, um dos filhos de Noé era chamado Sem, o que é uma versão grega para o nome hebraico Shem. A derivação do nome de tal filho de Noé, Semita, passou a identificar um conjunto de povos que possuem traços culturais comuns.

²⁴ GONÇALVES, Rainer. **Mundo Árabe**. Disponível em: <HTTP://www.mundoeducacao.com.br/historiageral/árabes.htm>. Acessado em: 07/11/2012

²⁵ O termo beduíno deriva da palavra árabe *badawí*, como é pronunciada em dialetos coloquiais. Possui o significado de deserto semi-árido. O termo beduíno significa, portanto, homens do deserto.

²⁶ HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. 2ª Ed. São Paulo: SCHWARCZ, 1994, p.26.

O poder dos chefes tribais “era exercido a partir dos oásis, onde mantinham estreitas ligações com os mercadores que organizavam o comércio através do território controlado pela tribo²⁷”. Nos oásis havia também outros que exerciam poder, seriam aqueles que o exerciam pela força da religião. “A religião dos pastores e agricultores parece não ter tido uma forma clara, julgava-se que deuses locais, identificados com objetos no céu, se incorporavam em pedras, árvores e outras coisas naturais²⁸”, acreditava-se que os espíritos, tanto os maus quanto os bons, corriam o mundo em forma de animais, “adivinhos afirmavam falar com a língua de um saber sobrenatural²⁹”.

Nesta época, muitas coisas estavam mudando na Península Arábica, devido aos grandes impérios como o Bizantino e Sassânida. “As sociedades organizadas governadas pelos grandes impérios fervilhavam de interrogações sobre o sentido da vida e a maneira correta de vivê-la, expressas nos idiomas das grandes religiões³⁰”.

O poder e influência dos impérios afetaram partes da península Arábica, e por muitos anos os pastores árabes nômades do norte e do centro da península vinham-se mudando para o campo da área hoje chamada Crescente Fértil: o interior da Síria, a região a oeste do Eufrates no baixo Iraque e aquela entre o Eufrates e o Tigre eram de população em grande parte árabe. Eles trouxeram consigo seu *ethos* e suas formas de organização social. Alguns de seus chefes tribais exerciam a liderança com base em aldeias nos oásis, e eram usados pelos governos imperiais para manter outros nômades longe das terras ocupadas e para recolher impostos. Puderam assim criar unidades políticas mais estáveis, como a dos lakhmidas, com a capital em Hira. (...) O povo desses estados adquiriu conhecimento político e militar, e abriu-se a idéias e crenças vindas das terras imperiais³¹.

A partir dos vários dialetos árabes foi se desenvolvendo uma linguagem poética comum, o que parece ter proporcionado as raízes de um crescente sentimento de identidade cultural entre as tribos.

Era uma linguagem formal, com refinamentos de gramática e vocabulário, que evoluiu aos poucos, talvez pela elaboração de um dialeto particular, ou talvez pela junção de vários. Era utilizada por poetas de diferentes grupos tribais ou aldeia de oásis. A poesia deles pode ter-se desenvolvido a partir do uso da linguagem rítmica, elevada e rimada, das encantações ou sortilégios, mas a que chegou até nós não é de modo algum primitiva. É produto de uma longa tradição cumulativa, em que não apenas as reuniões tribais e feiras de aldeias, mas as cortes das dinastias árabes na periferia dos grandes impérios

²⁷ HOURANI, Albert. Op. Cit., p. 26.

²⁸ Idem, p. 26.

²⁹ Idem, p. 27.

³⁰ Idem, p. 27.

³¹ Idem, p. 28.

desempenharam um papel, em particular a de Hira, no Eufrates, aberta a influência cristã e mazdaítas³².

A língua árabe se subdivide em vários dialetos diferentes, do Marrocos ao Iraque, o que vai depender muito do local onde é falada. Com o Islamismo, o árabe se converteu na língua mais falada e difundida no tronco das línguas semíticas. Para os muçulmanos, o árabe é considerado uma língua sagrada, pois foi com esta que foram escritas todas as linhas do Corão.

Embora o árabe “fosse a língua da alta cultura e de grande parte da população urbana, outras línguas ainda sobreviviam do período anterior à chegada dos conquistadores muçulmanos³³.” No período da efetivação da expansão islâmica,

grande parte das comunidades judaicas era de língua árabe e a essa altura, embora usassem formas características dos árabes, e ainda usassem o hebraico para fins litúrgicos. Também entre os cristãos, o árabe espalhara-se no Crescente Fértil, Egito e Espanha; o aramaico e o siríaco encolhiam como línguas faladas e escritas, embora fossem usados em liturgias, e a língua copta do Egito praticamente deixara de ser usada para quaisquer fins, exceto os religiosos, no século XV; muitos dos cristãos de Andalus tinham adotado o árabe como sua língua, embora as línguas românicas que haviam herdado sobrevivessem e comesçassem a reviver. À margem da inundação árabe, em distritos de montanha e deserto, falavam-se outras línguas: curdos nas montanhas do norte do Iraque, núbio no sul do Sudão, e várias línguas no sul, dialetos berberes nas montanhas do Magreb e no Saara³⁴.



E quem foi Maomé? Como conseguiu ter tantos seguidores? Qual a sua história? Pois bem, essas são perguntas que podem ser respondidas pelo poder da fé, a crença de quem necessita de respostas, como em qualquer outra religião. Hourani explica que o início de sua vida foi a parte mais obscura de toda ela. O Profeta nasceu em Meca, em uma aldeia da Arábia Ocidental, talvez no ano de 570. Não conheceu o pai que faleceu pouco antes de seu nascimento, perdeu sua mãe muito jovem, foi adotado pelo avô que veio a falecer pouco tempo depois da adoção. Posteriormente, ficou sob os cuidados de seu tio paterno, com quem foi criado até a fase adulta de sua vida. Sua família pertencia à tribo dos coraixitas. A característica mais comum dos integrantes desta tribo era que praticavam a atividade de mercadores, e estabeleciam acordos com tribos pastoris na região de Meca e também estabeleciam relações em outros lugares como na Síria, por exemplo. Maomé casou-se com uma viúva de um comerciante, e passou a cuidar dos negócios dela.

³² HOURANI, A. Op. Cit., p. 31.

³³ Idem, p. 112.

³⁴ Idem, p. 113.

Naquela época, “rabinos judeus, monges cristãos, e adivinhos árabes previam o advento de um profeta: um monge, encontrado por Maomé numa viagem de negócios ao sul da Síria olhou as costas dele e viu um selo de profetismo entre os ombros.³⁵” Quando tinha cerca de quarenta anos, aconteceu-lhe o contato sobrenatural, conhecido posteriormente como a Noite do Poder ou do Destino. Um anjo, mais precisamente o Anjo Gabriel, apareceu em seu caminho, convidando-o a recitar as palavras de Deus, que seriam:

Recita: em nome de vosso Senhor que criou, criou o homem de um coágulo de sangue.

Recita: e vosso senhor é o mais generoso, que ensinou junto ao aprisco, ensinou ao homem o que ele não sabia.

Não, de fato: certamente o homem faz-se insolente, pois se julga auto-suficiente.

Certamente em vosso Senhor está a volta³⁶.

Daí começou a formação do Islã. O Profeta foi criticado, e alvo de dúvidas por milhares de pessoas, inclusive tendo como principais adversários, os membros de sua própria tribo, os coraixitas³⁷, mas em contrapartida ganhou milhares de adeptos. Hourani nos mostra que a partir dessa época,

“Maomé começou a comunicar àqueles que o seguiam uma sucessão de mensagens que acreditava terem sido reveladas por um anjo de Deus. O mundo ia acabar; Deus todo-poderoso, que criara os seres humanos, iria julgá-los a todos; os prazeres do Céu e as dores do Inferno eram descritas em cores vivas.”

...Se, durante a vida, se submetessem a vontade de Deus, podiam confiar na misericórdia d’Ele quando fossem a julgamento; e era vontade de Deus que agora mostrassem sua gratidão com a prece regular e outras observâncias, e com benevolência e contensão sexual. O nome dado a Deus era Alá, já em uso para um dos deuses locais. Os que se submeteram à vontade d’Ele acabaram tornando-se conhecidos como muçulmanos; o nome da religião, Islã, deriva do mesmo radical lingüístico³⁸.

Importante ressaltar que no fim da expansão islâmica através dos califados, esta estrutura política também conheceu seu declínio, principalmente pela ascensão do clã seldjúcida, que era formado por turcos. A citação abaixo se refere ao momento político em que se encontrava o mundo árabe em decorrência da expansão islâmica.

³⁵ HOURANI, A. Op. Cit., p. 33.

³⁶ Idem, p. 33.

³⁷ Eram os integrantes da tribo árabe dominante na cidade de Meca durante o surgimento do islamismo. Era a tribo da qual pertencia a linhagem de Maomé, assim como a primeira a liderar uma oposição inicial à sua mensagem.

³⁸ Idem, p. 33.

Os cinco séculos que são objeto desta parte foram um período durante o qual o mundo islâmico dividiu-se em alguns aspectos, mas preservou sua unidade em outros. As fronteiras do mundo muçulmano foram alteradas: ele se expandiu na Anatólia e na Índia, mas perdeu a Espanha para os reinos cristãos. Dentro dessas fronteiras, surgiu uma divisão entre as áreas onde o árabe era a principal língua da vida e da cultura, e aquelas em que ele continuou a ser a principal língua da literatura legal e religiosa, mas a revivida língua persa passou a ser o principal veículo de cultura secular. Um terceiro grupo étnico e lingüístico tornou-se importante, o dos turcos, que formaram a elite dominante em grande parte do lado oriental do mundo muçulmano. Dentro das regiões de língua árabe, o Califado Abácida continuou a existir em Bagdá até o século XIII, mas surgiu uma vasta divisão política entre três áreas: Iraque, em geral ligado ao Irã; Egito, que normalmente dominava a Síria e a Arábia Ocidental; e o Magreb, com suas várias regiões³⁹.

Após a morte do Profeta, muita coisa mudou no mundo islâmico. O poder e o legado que ele deixou repercutiu de modo impactante. Muitos deixaram de crer nos seus ensinamentos, outros perderam a fé, outros tomaram o poder e milhares aderiram ao Islamismo. Maomé era o único que era visto como o mensageiro de Deus, isso era unânime. A sucessão de seu poder deu origem ao que se chamou de Califado, comandado por um Califa, que consequentemente tinha em suas mãos uma responsabilidade muito grande, propagar o Islamismo e defendê-lo a todo custo.

O califa não era um profeta. Líder da comunidade, mas em nenhum sentido um mensageiro de Deus, não podia pretender ser porta-voz de revelações continuadas; mas ainda permanecia uma aura de santidade e escolha divina em torno da pessoa e do cargo dos primeiros califas, que afirmavam ter algum tipo de autoridade religiosa⁴⁰.

A influência política dos califados se estendeu por grandes territórios⁴¹, houve grandes dinastias das quais se destacam: A dinastia dos Omíadas em Damasco (661-750), seguida pela Dinastia Abássida em Bagdá (750-1258), e mais tarde no Cairo (1260-1517), a dinastia Fatímida no Norte da África e no Egito (909-1171), os Emires Omíadas de Córdoba, Espanha, declararam-se Califas (929-1031), a dinastia dos Almóadas no Norte da África e Espanha (1145-1269) O Império Otomano, governado pela dinastia Osmanli (1517-1924).

De acordo com Hourani (1994), quando no fim do século X, já era notável que existia um mundo islâmico, unido por uma cultura religiosa comum, e tendo como principal língua a árabe, e como característica as relações humanas forjadas pelo comércio, a migração e

³⁹ HOUURANI, A. Op. Cit., p. 97.

⁴⁰ Idem, p. 39.

⁴¹ Conferir: Anexo I.

peregrinação. Mas esse mundo não se corporificava em uma unidade política única. Diversas pessoas reivindicavam o título de califa, em Bagdá, no Cairo e em Córdoba, sem falar nos outros que eram governantes de fato em estados independentes. Manter um Império que se estendia da Ásia Central à costa do Atlântico, em uma unidade política, tornou-se impossível até mesmo para o Califado Abácida, que detinha um poderio militar enorme.

A partir do século X, a divisão política dessas regiões passou por grandes mudanças. Com o advento do poderoso exército turco, do clã dos seldjúcidas, adeptos do Islã Sunita, dominaram o Irã, o Iraque, e boa parte da Síria. Destruíram boa parte do império bizantino e lutaram incessantemente contra os cruzados.

Os fatímidas governaram no Egito até a data de 1171, quando então tomou o poder o grande líder curdo Salah al-Din (Saladino, 1169-93). Hourani (1994) diz que sua influência foi tão grande, que conseguiu, mesmo sendo Sunita, trazer o apoio dos fatímidas, que então eram Xiitas. E juntos combateram os cruzados europeus que haviam fundado estados na Palestina, e na Síria (século XI). A dinastia fundada por Saladino (chamada aiúbidas), governou o Egito de 1169 a 1252, a Síria até 1260, e parte da Arábia Ocidental até 1269.

O problema da sucessão dos califas é o fato histórico que determinou a fundação e o desenvolvimento da doutrina política dos califados. Por esse motivo, é necessário relembrar alguns fatos essenciais, como por exemplo, o fato de que Maomé não escolheu sucessores. Sobre este fato, que determinou como seria a política nos anos seguintes a morte do profeta, é importante fazer uma contextualização.

A autoridade de Maomé passou, sucessivamente, a pessoas a ele ligadas, em que o Profeta depositava grande confiança e respeito. Como Maomé, os califas tomavam as decisões mais importantes acerca do destino do Islã e exerciam autoridade espiritual, política e militar. Mas assim como o Profeta, os Califas receberam grandes oposições, o que causou rupturas em tal sistema político, como foi no caso de Abu Bakr (primeiro califa) que

foi nomeado numa assembléia pública na qual os contrastes entre as facções medinense e mecana dos crentes foram muito ásperos. De seu lado Abu Bakr designou diretamente Umar talvez para recompensá-lo pelo apoio recebido anteriormente. Por sua vez, Umar constituiu um Conselho consultivo de seis personagens (sura), que elegeu, não sem agudas contendas internas, um aristocrata mecana, Utman, no lugar de Ali, genro e primo do Profeta, que então se sentiu defraudado de seus direitos. Por ocasião do assassinato de Utma, alguns consideraram Ali, com ou sem razão, conivente com o crime, e

um parente do velho califa Muawiya rebelou-se contra ele, provocando uma guerra civil conhecida como a “grande discórdia”. Também Ali foi morto por um dissidente *harijita* que o repreendia por aquiescer a uma arbitragem e a um acordo de paz com o seu adversário; Muawiya pôde assim inaugurar a dinastia dos omíadas⁴².

Daí surgiram problemas que continuam até os dias de hoje: o problema do estatuto do pecador, e o problema da legitimidade dos califas. Os fatos descritos acima causaram grande divergência de opiniões, o que consequentemente alterou totalmente a política que até então estava pacificada momentos antes do assassinato de Utma. Parte concordou em não legitimar um pecador, e outra parte concordou, este atrito desencadeou em diversas mudanças no Islã, dentre elas, a subdivisão do Islamismo em diferentes segmentos, como xiitas e sunitas.

Portanto, há uma ruptura político-religiosa ainda não reconstituída entre xiitas e sunitas. E a base dessa ruptura encontra-se na descendência do Profeta Maomé. De grosso modo, os sunitas são aqueles que acreditam nos sucessores diretos do Profeta, já os xiitas acreditam que quem deveria ter sido sucessor de Maomé era seu genro Ali. Nos dias atuais, os sunitas correspondem a 85% dos adeptos do Islamismo, mesmo assim, em algumas regiões do mundo árabe, essa porcentagem não significa quem de fato está exercendo o poder.

O Islamismo é, dentre todas as religiões, a que mais se aproxima do cristianismo e do judaísmo. A distância entre o mundo cristão e o islâmico é mais de ordem político-econômica do que religiosa. O Islamismo é um sistema de costumes e crenças revelados a Maomé, escritas no Corão e suplementados por um registro tradicional (*o hadith*), do que disse e do que fez Maomé.

Com o desenvolver do Islamismo, a religião fragmentou-se em várias seitas, sendo que cada uma acrescentou sua evolução própria ao sistema de cultura, sob a forma de crenças populares destinadas a adaptar o Islamismo a necessidades locais. Milhares de homens e mulheres, de todas as raças e continentes, consideram-se hoje em dia como seguidores do Profeta. O Islamismo compreende uma extensa faixa de terra que vai desde o Marrocos, a oeste, até o Paquistão, a leste, sendo também o grupo religioso de maior expressão na Malásia.

O Islã era uma entidade política com leis baseadas no direito canônico do Corão e nas modificações desse mesmo direito levado a efeito por sucessores de Maomé em várias épocas

⁴² CAMPANINI, M. **O pensamento político islâmico medieval**. In: Rosalie de Souza Pereira, Org. **O islã clássico: itinerários de uma cultura**. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 252.

e em vários pontos. No início, o Islã cresceu em regiões que antes pertenciam aos impérios Bizantino Persa – cerne ainda do Islã – as duas maiores forças do Oriente Médio durante o período de expansão do Islamismo. No apogeu, porém, o Império Muçulmano estendeu-se da Espanha até a Índia, superando mesmo o ponto de expansão máxima do Império Romano.

O maior aliado do Islamismo é seu livro sagrado: o Corão. Nele se tem os atos praticados pelo Profeta Maomé em que o islâmico vive em torno do que foi pregado e praticado pelo Profeta (*hadith*). O Corão, livro de extensão similar ao Novo Testamento, é uma das mais fascinantes escrituras da História. Modificou a vida de milhares de pessoas e deu início a poderosa religião conhecida como Islamismo e que contribuiu significativamente para a formação do mundo moderno. Ao contrário dos livros sagrados dos cristãos e dos judeus, que são coletâneas de narrativas religiosas, leis, poemas, provérbios, profecias e orações, datando de épocas distintas e redigidas por diferentes pessoas, cada palavra do Corão foi transmitida ao mundo por um único homem, o Profeta Maomé, no decorrer de um período de vinte e dois anos, no começo do século VII.

Alguns capítulos do corão, os suras, são avisos curtos e veementes do fim, proclamando um dia do Juízo Final, e exigindo a adoração de um só Deus. Outros discutem os profetas bíblicos e as lições contidas em suas respectivas vidas. Outros ainda estabelecem regras detalhadas com relação à família, à propriedade e à justiça. Todos são expressos num árabe repleto de fascínio que contribuiu para convencer os primeiros ouvintes do Corão – tribos árabes, orgulhosas tanto da própria eloquência como da coragem que lhes era peculiar – de não ser ele a palavra de um homem, mas a palavra do próprio Deus⁴³.

A alma do Islã é o Corão – Islamismo, palavra que significa “submissão a Deus”. Sabe-se que o Islamismo começou com um movimento religioso nos desertos da Arábia e logo se prolongou pelo Oriente Médio. Contemplou muitos povos diversos, que passaram a se denominarem muçulmanos ou crentes – juntando-os em um imenso Estado monoteísta. Pode-se resumir o Islamismo em cinco pilares importantes: fé, oração, esmola, jejum e peregrinação. Esses pilares compreendem as obrigações rituais de todo muçulmano.

O primeiro pilar, a fé, baseia-se no *shahada*, que é a declaração de fé pela qual se aderiria ao Islamismo. “Só Alá é Deus e Maomé é seu Profeta”. Talvez seja esse um dos mais concisos slogans da história, na época, como é ainda hoje, bastava recitar está frase para se tornar islâmico. O *shahada* é caracterizado por sua simplicidade, não sendo necessário ser nenhuma pessoa em específico para comandar o ritual. E como artigo de fé, a crença nos

⁴³ STEWART, Desmond. **Antigo Islã**. 1. ed. Rio de Janeiro: JOSÉ OLYMPO, 1973. 10 p.

profetas e em suas pregações, nas revelações de Maomé e a crença nos anjos. E por fim a última profissão da fé é a crença de que após a morte haveria um Dia de Juízo para todos os Homens.

O segundo pilar é o da prece. Esse é o dever mais importante de sua religião. Há dois tipos de preces: *du'a* prece íntima, e *salat*, a prece formal do ritual. Uma vez por dia um muçulmano tem que realizar certas abluções ou seus atos de adoração perdem a validade. Estes atos são praticados para purificar o corpo e a alma.

A esmola é o terceiro pilar do Islamismo. Dando parte do que lhe pertence, acredita-se que purifica o resto de sua fortuna.

O jejum é o quarto pilar do Islamismo. “Ó vós que crede! O jejum vos é prescrito”, diz o Corão. A época do jejum é conhecida como Ramadã, nono mês do calendário islâmico, o mês em que pela primeira vez o Corão foi revelado a Maomé e em que os seguidores do Profeta derrotaram os curaixitas em Badr, a primeira vitória importante sobre seus inimigos de Meca. Observa-se o jejum durante as horas diurnas do mês inteiro, não sendo necessário o jejum para os enfermos ou doentes, e os que estivessem na eminência de uma grande viagem. O pilar da fé é extremamente importante, pois mostra ao islâmico como é a fome de perto, sendo importante passar por isso para dar valor ao alimento, e a dar valor ao próximo que não tem o que comer.

O último pilar do Islamismo é a peregrinação a Meca, costume e tradição árabe adotada pelo Islamismo. Pelo menos uma vez na vida, o muçulmano deve fazer a caminhada feita por seu maior Profeta, Maomé, como símbolo de respeito e crença na religião. O lugar escolhido é Meca, pois foi onde o Profeta recebeu suas primeiras revelações.

Estes aspectos culturais se estendem até os dias de hoje.

E foi com estes aspectos culturais que o Islamismo, posteriormente, se subdividiu em diferentes dinastias, e neste período das dinastias islâmicas, o mundo islâmico se dividia em três amplas áreas, cada uma com seus centros de poder.

A primeira dessas grandes dinastias “incluía o Irã, a terra além do Oxo, e o sul do Iraque; durante algum tempo após o século X, seu principal centro de poder continuou a ser Bagdá, destacando-se no coração de um rico distrito agrícola e de uma ampla rede de comércio, e com a influência e o prestígio acumulados durante séculos de governo dos califas abácidas. A segunda área incluía o Egito, a Síria e a Arábia Ocidental; seu centro de poder ficava no Cairo, a cidade construída pelos fatímidas no meio de uma zona rural

extensa e produtiva, e no coração de um sistema de comércio que ligava que ligava o mundo do Oceano Índico ao do mar Mediterrâneo. A terceira incluía o Magreb e as áreas muçulmanas da Espanha conhecidas como Andalus; nessa área não havia um centro predominantemente de poder, mas vários, que ficavam em regiões de extenso cultivo e em pontos a partir dos quais se podia controlar o comércio entre a África e diferentes áreas do mundo mediterrâneo⁴⁴.

O período da história política dessas três regiões já foi abordado anteriormente, mas cabe ressaltar a importância da presença árabe nos territórios europeus (Península Ibérica principalmente) para dar início às cruzadas. A tentativa de reconquista da região da Espanha pela Igreja Católica preparou o espírito para a ideia da cruzada. Outro motivo importantíssimo residia na questão de Jerusalém.

Jerusalém tem uma história longa e conturbada. É conhecida por ser uma das cidades mais antigas do mundo. É considerada a cidade santa dos judeus, cristãos e muçulmanos, para cada segmento religioso a cidade preserva traços distintos. O que importa salientar é que para o Islamismo, Jerusalém é considerada a terceira cidade sagrada do Islã. Os muçulmanos acreditam que foi de lá que seu Profeta ascendeu ao paraíso. E para os cristãos, a maior importância residia na cruz original na qual Cristo foi crucificado e também por ser lá que o líder maior do cristianismo ressuscitou.

O Islamismo, no seu período de expansão com os califados, alargou sua soberania para Jerusalém no ano de 638, e nesta oportunidade a cidade foi considerada a terceira cidade santa do Islã (as outras cidades sagradas são Meca e Medina). O califa, na época da conquista islâmica, era o segundo sucessor do profeta, o califa Omar Ibn al-Khattab, que tomara Jerusalém dos *rum*⁴⁵, em fevereiro deste mesmo ano. Na oportunidade que o califa Omar tomou a cidade, ele autorizou aos judeus para que pudessem retornar a Jerusalém. Assinou um tratado com o patriarca cristão monofista Sofrônio, assegurando-lhe proteção aos lugares sagrados do cristianismo e proteção aos cristãos residentes em Jerusalém.

A diferença entre os *franj* e os árabes se torna mais nítida pela atitude tomada pelo califa Omar em sua época. Em um sinal de respeito muito grande o mesmo se recusou a fazer sua oração dentro da igreja de Qyama, diante do Santo Sepulcro, respondendo ao convite do patriarca: “Se eu fizer isso, amanhã os muçulmanos vão querer apropriar-se deste local,

⁴⁴ HOURANI, A. Op. Cit., p. 100.

⁴⁵ No século XI como na atualidade, designam os gregos pelo termo *rum*, “romanos”. Portanto *rum* são aqueles que viviam na região da Grécia.

dizendo ‘Omar orou aqui’⁴⁶’. O califa fez isso no intuito de preservar os lugares sagrados do cristianismo. Retirando-se da igreja ele estendeu seu tapete na área externa, e foi neste lugar que foi construída a grande mesquita de Omar, lugar sagrado para os muçulmanos. Tal monumento seria alvo de saque pelos *franj* na época de sua ocupação. Este seria só um dos diversos locais sagrados destruídos pelos *franj*.

Os muçulmanos permaneceram durante muitos anos no comando político de Jerusalém. Posteriormente, os turcos seldjúcidas com sua expansão avassaladora dominaram a cidade sagrada. Mas com os constantes ataques *franj* nas regiões turcas mais ao norte, a segurança da cidade permaneceu bastante enfraquecida. Isso levou “os egípcios (dinastia árabe dos Fatímidas) aproveitando das dificuldades dos turcos seldjúcidas, então ocupados com a Cruzada diante de Antioquia, para tomarem-lhes Jerusalém (26 de agosto de 1098)⁴⁷”. Os egípcios não tinham o poder e habilidade em combate que os turcos possuíam o que deu a eles, um tempo mínimo no poder da Cidade Santa, na oportunidade mal conseguiram se estabelecer e já foram vítimas do cerco *franj* e conseqüentemente perderam a cidade para eles no ano de 1099.

Jerusalém permaneceu sob domínio franco até o ano de 1187. O fato crucial da queda dos *franj* em Jerusalém se deve principalmente a ascensão do sultão Saladino, que na famosa batalha de Hattin destruiu o exército *franj* e posteriormente anexou à Cidade Santa aos seus domínios. E este líder parece ter bebido nas fontes do califa Omar, pois era bastante benevolente em relação ao demais, e abriu as portas das cidades para qualquer um que fosse praticar sua fé, sendo outro líder que estava bem acima dos líderes *franj*, em todos os aspectos.

Os cristãos, por alguns momentos, conseguiram apoderar-se de Jerusalém por outra oportunidade, através do imperador Frederico II. Mas no ano de 1244, eles foram expulsos e nunca mais obtiveram o poder político em Jerusalém.

Se para os cristãos ocidentais as cruzadas já estava na boca de todos na Europa no século XI, após o chamado do Papa Urbano II, para os árabes esta hipótese não existia.

Naquele ano, começaram a chegar informações sucessivas sobre a aparição de tropas de *franj* vindas do mar de Mármara em grande multidão. As

⁴⁶ HOURANI, A. Op. Cit. p. 57.

⁴⁷ GROUSSET, R. Op. Cit., p. 33.

peças se amedrontaram. Essas notícias foram confirmadas pelo rei Kilij Arslan, cujo território era o mais próximo desses *franj*⁴⁸.

A citação acima é do cronista Ibn al-Qalanissi, jovem letrado de uma família notável. Quando os *franj* iniciam as invasões em 1096 ele tem apenas 23 anos, e se aplica em registrar os acontecimentos que chegam ao seu conhecimento. Segundo Amin Maalouf (1988) a crônica de Ibn al-Qalanissi, narra fielmente, sem envolvimento excessivo, a progressão dos invasores.

Quando o cronista diz “se amedrontaram”, está se referindo a um medo totalmente novo para a maioria dos povos que habitavam as regiões que iriam ser invadidas. Não que esses povos não estivessem acostumados com guerras e conflitos, o que era muito comum na época, porém o que cabe analisar é o medo do “outro”, é o medo do invasor.

O medo é algo natural, inerente à pessoa humana. Não há ninguém que não possua em seu interior algum tipo de medo. “Não há homem acima do medo”, escreve um militar, “e que possa gabar de a ele escapar⁴⁹”. Segundo Delumeau (1993), quer haja ou não em nosso tempo mais sensibilidade ao medo, este é um componente maior da experiência humana, a despeito dos esforços para superá-lo. Aquele que não tem medo não é normal, e isso nada tem a ver com a coragem. O ser humano, diferente dos animais é o “único no mundo a conhecer o medo num grau tão temível e duradouro⁵⁰”.

De acordo com Delumeau (1993), o medo possui um caráter ambíguo. O sentimento corresponde a algo inerente a nossa natureza, funcionando como uma espécie de autodefesa essencial, uma garantia contra os perigos, algo indispensável que permite o organismo escapar oportunamente da morte. Mas o certo é que o medo não atua como uma ciência exata em todos os seres humanos. Em muitas pessoas o medo é capaz de até paralisar fisicamente o corpo, e isso para Descartes é visto como uma espécie de covardia, da qual não haveria como proteger-se muito com antecedência,

[...] O medo ou o pavor, que é contrario à audácia, não é apenas uma frieza, mas também uma perturbação e um espanto da alma que lhe tiram o poder de resistir aos males que ela pensa estarem próximos [...] Desse modo, não é uma paixão particular; é apenas um excesso de covardia, de assombro e de temor, o qual é sempre vicioso [...] E porque a principal causa do medo é a surpresa, não há nada melhor para dele isentar-se do que usar de

⁴⁸ MAALOUF, A. Op. Cit., p. 17.

⁴⁹ Além da obra de A. Le Braz, cf. A. Van Gennep, Manuel..., I, II, Paris, 1946, pp. 800-1, apud, DELUMEAU, 1993, 19 p.

⁵⁰ L. Pliouchtch, *Dans Le carnaval de l'histoire*, Paris, 1977, p. 155, apud, DELUMEAU, 1993, 19 p.

premeditação e preparar-se para todos os acontecimentos cujo temor pode causá-lo⁵¹.

Tendo por base a Idade Média, mais precisamente nos tempos das cruzadas, o medo se fez presente em diversas ocasiões. Delumeau (1993) descreve o medo presente, por exemplo, nas navegações que foram feitas para se atingir a Terra Santa, em uma época em que o Ocidente não dominava perfeitamente as técnicas de navegação. “No final da Idade Média, o homem do Ocidente continua prevenido contra o mar não apenas pela sabedoria dos provérbios, mas também, por duas advertências paralelas: uma expressa pelo discurso poético, a outra pelos relatos de viagem a Jerusalém⁵²”.

Em 1395, o barão de Anglure volta de Jerusalém. É ainda perto das costas de Chipre que “subitamente” se ergue uma “grande e horrível desgraça” que dura quatro dias. “E na verdade não havia ninguém que tivesse outro semblante a não ser o daquele que bem vê que deve morrer [...]. E sabei que ouvimos jurar muitos, que por muitas vezes haviam estado em muitas e diversas desgraças no mar, sobre a danação de suas almas, que jamais em nenhuma desgraça que tivessem tido não tiveram tão grande pavor de estar perdidos como dessa vez⁵³”.

O medo atravessa diversos campos, e a Igreja Católica conseguiu impor isto ao povo de diversas maneiras. Uma dessas maneiras foi através da punição pela prática de heresias, em que o medo atingiu proporções enormes, tanto pelo fato do medo de cometer uma heresia quanto das medidas tomadas contra os culpados de desvios. Isso foi um “resultado de uma evolução que se definira e acelerara desde a revelação no final do século XII do perigo cátaro. À medida que desgraças e inquietações se multiplicavam no Ocidente, a obsessão do herético aumentava⁵⁴”.

Na Espanha do século XVI, os muçulmanos, que eram minoria, foram perseguidos por cristãos, em decisões governamentais, sendo acusados de heréticos como é mostrado na citação abaixo:

Mas o batismo não teve o efeito esperado: os corações dos mouros permaneceram empedernidos. Desde então, tornaram-se os piores heréticos: o que exprime, entre outros, o licenciado em teologia Pedro Cardona em uma obra de 1612 justificando sua expulsão:⁵⁵

Eles eram, diz ele, o veneno e a sarna e as ervas daninhas no campo da Espanha, os zorrilhos devoradores, as serpentes, os escorpiões, os sapos, as

⁵¹ *Prague ghetto...*, p. 47, apud, DELUMEAU, 1993, p. 19.

⁵² DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**. 2 ed. São Paulo: SCHWARCZ, 1993, p. 42.

⁵³ *Le saint Voyage de Jherusalem* Du seigneur d'Anglure, ed. F. Bonnarditm Paris 1878, pp. 79-80, apud, DELUMEAU, 1993, p. 43.

⁵⁴ Idem, p. 394.

⁵⁵ Idem, p. 396.

aranhas, as víboras venenosas cuja mordida cruel feria e matava muita gente. Eles eram os gaviões salteadores e as aves de rapina que vivem de causar a morte. Eram os lobos entre as ovelhas, os zangões na colméia, os corvos entre as pombas, os cães na Igreja, os ciganos entre os israelitas e, finalmente os heréticos entre os católicos⁵⁶.

É provável que os cavaleiros de outrora, habituados à guerra e aos combates, e que se projetavam com ímpeto nas disputas, fossem de certa forma, menos conscientes que os soldados do século XX dos perigos do combate, e, portanto menos sensíveis ao medo. Mas como analisado, o medo é algo que transcende qualquer tema específico. Não se pode analisar o medo, por exemplo, de um árabe que luta em uma cruzada, no sentido de ter medo de seu oponente, obviamente que isso pode ocorrer ou não, mas o medo pode ser interpretado em outros aspectos, como o filho que ele tem que criar, e se morrer não o poderá fazer, o medo de ser for escravizado ter que de algum modo forçoso submeter-se às vontades de um cristão e vice-versa. É através do medo que muitas vezes torna-se possível criar uma imagem, representação, daquilo que se sente medo. O pavor que um cronista narra, por exemplo, a atitude dos cristãos perante um muçulmano durante uma cruzada ajuda-nos a compreender aspectos culturais dentre outras coisas que permite interpretar quem são aqueles povos naquela época.

Os primeiros anos das cruzadas foram muito favoráveis para os ocidentais, “a relativa facilidade com a qual os cruzados e seus aliados bizantinos se assenhoraram de Nicéia, capital do reino seldjúcida da Ásia Menor, era reveladora da situação do mundo muçulmano nesta data⁵⁷”. O autor se refere aos diversos conflitos que marcaram principalmente os turcos naquela época. O clã dos seldjúcidas que possuíam um poder enorme encontrava-se em grandes rupturas internas, sobre a força desse clã, Amin Maalouf diz que

Se há um nome que ninguém ignora, das fronteiras da China ao longínquo território dos *franj*, é esse. Vindos da Ásia Central com milhares de cavaleiros nômades de longos cabelos trançados, os turcos apossaram-se em alguns anos de toda a região que se estende do Afeganistão ao Mediterrâneo. Desde 1055, o califa de Bagdá, sucessor do Profeta e herdeiro do prestigioso império abássida, é apenas um boneco dócil em suas mãos. De Ispahan a Damasco, de Nicéia a Jerusalém, seus emires ditam a lei. Pela primeira vez em três séculos, todo o Oriente muçulmano está reunido sob a autoridade de uma única dinastia que proclama sua vontade de devolver ao Islã sua glória passada. Os *rum*, esmagados pelos seldjúcidas em 1071, nunca se recuperaram. A Ásia menor, a mais vastas de suas províncias, foi invadida; sua própria capital não está mais em segurança; seus imperadores, dentre o

⁵⁶ P. Aznar-Cardona, *Expulsion justificada de los moriscos españoles*, Huesca, 1612, II, Fº 62-3: citado em L. Cardaillac, *Morisques ET chretiens. Um affrontement polemique*, 1492-1640, Paris, 1977, p. 97, apud, DELUMEU, 1993, p. 396.

⁵⁷ GROUSSET, R. Op. Cit, p. 29.

qual o próprio Aléxis, não cessam de enviar delegações ao papa de Roma, chefe supremo do Ocidente, suplicando-lhe que convoque a Guerra Santa contra esse ressurgimento do Islã⁵⁸.

Devido a essas rupturas, os *franj* tiveram êxito em ultrapassar as fronteiras turcas, localizadas ao norte da Ásia Menor, e continuaram com a jornada rumo a Jerusalém. O historiador árabe Ibn al-Athir um século após o início das invasões é quem relatará alguns eventos que ele obteve conhecimento através de testemunhos deixados por contemporâneos:

Quando o senhor de Antioquia, Yaghi Siyan, foi informado de que os *franj* se aproximavam, decidiu então expulsá-los pois ele temeu um movimento de sedição por parte dos cristãos da cidade

No primeiro dia Yaghi Siyan ordenou aos muçulmanos que saíssem para limpar os fossos que cercam a cidade. No dia seguinte, para a mesma tarefa, só mandou cristãos. Ele os fez trabalhar até à noite e, quando quiseram entrar, ele os impediu, dizendo: 'Antioquia é sua, mas é preciso que a deixem para mim até que eu tenha resolvido nosso problema com os *franj*'. Eles lhe perguntaram então: 'Quem protegerá nossos filhos e nossas mulheres?'. Ele protegeu efetivamente as famílias dos expulsos e não permitiu que se tocassem num fio de cabelo de suas cabeças⁵⁹.

Neste trecho fica evidente o nobre comportamento do senhor de Antioquia. Em plena guerra contra os cristãos sua atitude foi de total complacência para com aqueles que ali habitavam. Se a situação fosse inversa, com certeza os cristãos não poupariam nenhum muçulmano. Durante as cruzadas eles deram diversas provas de como se comportavam.

Um tema bastante pertinente, a respeito do período das cruzadas e que houve diversos relatos sobre ele, é o canibalismo (que será analisado mais a frente), tal prática causa uma repulsa muito grande nas pessoas, pensar no canibalismo como uma prática habitualmente exercida pelos cristãos nos tempos das cruzadas, faz levantar a questão da barbárie. Civilização e barbárie são palavras antônimas, ou seja, possuem significados diferentes. Segundo o dicionário, é atribuída à primeira qualidades, isto é, inclui os que se comportam bem, os que vivem em sociedade, aqueles que se adéquam a padrões pré-estabelecidos. Em oposição a isto, barbárie é o estado em que vive os bárbaros, e estes são aqueles sem nenhum tipo de comportamento aceitável, violentos, cruéis, sem cultura.

Carlos García-Gual (1992) conta-nos que Heródoto, na antiguidade clássica, já classificava quem eram os bárbaros. Segundo Heródoto, bárbaro seria aquele que não falava o grego, seria aquele que balbuciava ou pronunciava outra língua que não a grega.

⁵⁸ MAALOUF, A. Op. Cit., p. 23.

⁵⁹ Idem, p. 30.

Compreendia-se que os que falassem outras línguas não seriam capazes de alcançar uma ideia racional, ou seja, de atingir o *lógos*. O mais interessante deste pensamento é como a língua de fato se apresentava para o filósofo como sendo o fator de maior relevância para diferenciar um povo de outro. Ficando a Comunidade política, racial, religiosa, cultural em segundo plano. Portanto, a língua era entendida com algo inerente à própria natureza humana, e não algo convencionado.

Os gregos que tinham contato com línguas que vinham de fora, “sentiam curiosamente um desinteresse notável por todas as línguas estrangeiras, como se a língua grega, fosse o vínculo por excelência da razão e a expressão lógica da realidade. Helenismo vem de *hellenizein* (falar grego)⁶⁰”. Portanto, bárbaro seria aquele que falasse outra língua, não menos importante, estes eram vistos como intelectualmente inferiores mais atrasados do que aqueles que se comunicam em grego.

Com as conquistas de Alexandre Magno, a cultura helênica e a língua alcançaram uma grande expansão. Assim, a civilização superior se expressava em grego e os ideais clássicos se tornaram universais. Os próprios romanos pegaram as realizações do helenismo para servir de base para a cultura. Nesse contexto, Cícero que mais recorre a esta ideia da *humanização* comum a todos os seres civilizados, “uma ideia e ideal que os estóicos haviam difundido com fervor filosófico e cosmopolita. Como ser civilizado, o homem ascende a essa humanidade que está por cima de qualquer diferença de raça, nação, religião e condição social⁶¹”.

O que se mostra bastante importante para o presente trabalho, é o que Carlos García-Gual (1992) ressalta. O autor nos diz que esta ideia de *humanização* foi incorporado pelo cristianismo. Apenas o incivilizado, o violento e marginal, é um bárbaro que pode e deve ser redimido, conquistado, humanizado. O autor ainda ressalta que o “Cristianismo agregará logo uma matriz; também os pagãos e os infiéis serão vistos como essencialmente bárbaros, ao não pertencer à religião que se pretende verdadeira e única⁶²”. Trazendo esta discussão para as cruzadas, fica mais fácil de entender, como a Igreja Católica na época, utilizou-se desse artifício para justificar as invasões como sendo legítimas, no sentido de estarem “humanizando” o “outro”, no caso os “bárbaros do oriente”, os povos árabes e outros que falam língua diferente.

⁶⁰ PORTELLA, Miguel León, ESTÉVEZ, Manuel Gutiérrez, GOSSEN, Gary. H. *De palabra y obra en el nuevo mundo*. Trainidade: Editora Siglo XXI, 1992. p. 8.

⁶¹ Idem, p. 8.

⁶² Idem, p. 9.

O que se mostra irônico, é pensar como o cristianismo que assimilou a este ideal de *humanização*, que seria a tolerância a qualquer diferença entre raças, nações, religião e condição social, simplesmente agregam uma nova matriz que justifica a classificação de bárbaros àqueles que não possuem o cristianismo como verdadeira e única fé. O que nos faz pensar quem são os verdadeiros bárbaros? Pois se sabe que os povos conquistados pelos muçulmanos não eram obrigados a se tornar muçulmanos, mas os que não o desejassem eram algumas vezes proibidos de praticar qualquer atividade religiosa fora das respectivas igrejas ou sinagogas. Tinham também terminante proibição de manifestações religiosas com o tanger de sinos ou a instalação de novas casas de adoração. Ainda assim, os povos conquistados sentiam-se melhores sob o governo muçulmano que sob a dominação anterior. Isso porque em momento algum, os muçulmanos obrigavam seus dominados a exercerem uma fé que não acreditavam ser a verdadeira, o que leva a entender que o ideal de *humanização* que os cristãos julgavam ter, não passava de “maquiagem” para esconder seus verdadeiros interesses. Se o que se entendia por barbárie em muitos casos é a agressividade, a intolerância, e a ignorância, não haveria espaço para outra interpretação senão classificar os cruzados como tal.

“Sobre esse *húmus humanista*, a nova religião insistirá em que todos os homens são filhos de Deus e irmãos em um mesmo caminho e peregrinação terrena⁶³”. De acordo com o autor, enquanto os estóicos marcavam uma distinção entre os sábios e os tolos, que de algum modo ficou superada na formulação romana, menos rigorosa e intelectualista, o cristianismo encontrou uma nova barreira: “a que marca a aceitação da fé, como um credo dogmático⁶⁴”. Para o cristianismo, portanto, a questão da barbárie focou-se na fé, seria bárbaro aquele que não possuía o cristianismo como diretriz para a vida, legitimando qualquer ação contra aqueles que não possuíam tal entendimento.

Conclui-se que o conceito de barbárie como é visto hoje, ao longo da história, possuiu significados diferentes, que estariam de acordo com a necessidade de quem empregou tal termo, para legitimar, ou simplesmente justificar a diferença entre determinados povos. Justificativas para taxar alguém de bárbaro foram diversas, inclusive a que cita García-Gual sobre o autor do tratado sobre as águas, ares e lugares atribuídos a Hipócrates (460-371 a.c), sendo que a justificativa para determinar a barbárie estaria na questão de onde habitam determinados povos. Se estes habitavam terras sem alterações climáticas e de onde era

⁶³ PORTELLA, M, ESTÉVEZ, M, GOSSEN, G. Op. Cit., p. 24.

⁶⁴ Idem, p. 24.

possível produzir coisas férteis, estes seriam bárbaros (refere-se a Ásia), pois não desenvolveriam a coragem nem o intelecto para sobreviver às adversidade. Já os que habitavam as regiões próximas ao território grego, onde o clima e produção é algo difícil, estes sim seriam os civilizados e desenvolvidos, pois desenvolveria deste modo a virilidade, a coragem etc.

Como já dito, Heródoto e outros justificavam pela língua falada, outros como Aristóteles taxavam de bárbaro todos aqueles que não eram gregos, portanto eram seres inferiores e passíveis de serem escravizados. E, posteriormente, o cristianismo apelou para fé, para “barbarizar” o “outro”, mas a questão que fica de fato é aquela já feita anteriormente, quem são os verdadeiros bárbaros?

Cap. II – Quem eram os verdadeiros bárbaros?

Le Goff (2003), ao falar sobre a herança que os ocidentais obtiveram com as invasões feitas ao oriente, das valiosas obras literárias, livros, documentos; descreve um relato feito por Pedro o Venerável⁶⁵, no qual mostra pioneiramente a ideia de combater os muçulmanos não no terreno militar, mais sim no intelectual, o que no tempo das cruzadas, suas palavras se mostram por ser de grande audácia e ofensa.

Quer se dê ao erro maometano o nome vergonhoso de heresia, ou de infâmia, de paganismo, é preciso agir contra ele, quer dizer, escrever. Mas os latinos e sobretudo os modernos, segundo a palavra dos judeus que admiravam outrora os apóstolos políglotas, não sabem outra língua além daquela de seu país natural. Assim, não lhes é possível reconhecer a enormidade desse erro nem barra-lhes o caminho. Meu coração também se inflamou em um fogo queimou-me durante minha meditação. Indignei-me de ver os latinos ignorarem a causa de tal perdição e sua ignorância tirar-lhes o poder de resistir a ela; porque ninguém dava resposta, ninguém sabia. Procurei então especialistas na língua árabe, que permitiu a esse veneno mortal infestar mais da metade do globo. Persuadi-os, à força de orações e de dinheiro, a traduzir do árabe para o latim a história e a doutrina desse infeliz e sua própria lei chama Alcorão. E, para que a fidelidade da tradução seja total e nenhum erro venha a falsear a plenitude de nossa compreensão, aos tradutores cristãos juntei um sarraceno. Eis os nomes dos cristãos: Robert de Ketten, Hermann, o Dálmata, e Pedro de Toledo; o sarraceno se chama Mohamed. Essa equipe, depois de ter vasculhado de cabo a rabo a biblioteca desse povo bárbaro, dela tirou um livro grosso que publicaram para os leitores latinos. Esse trabalho foi feito no ano em que estive em Espanha e onde tive uma entrevista com o senhor Afonso, imperador vitorioso das Espanhas, quer dizer, no ano do Senhor de 1142⁶⁶.

Os cristãos do ocidente, durante o período das cruzadas, aprenderam muito com os povos árabes, e obtiveram conhecimentos importantes que auxiliaram no desenvolvimento europeu. “Nesse século XII em que o Ocidente quase só pode exportar matérias-primas – ainda que esteja nascendo o desenvolvimento têxtil –, os produtos raros, os objetos valiosos vêm do Oriente, de Bizâncio, de Damasco, de Bagdá, de Córdoba⁶⁷”. Com as especiarias e a seda, os manuscritos trazem ao Ocidente cristão a cultura greco-árabe. Como que os cristãos faziam tanta questão de chamar estes povos de bárbaros? Com uma cultura tão rica e valiosa, este conceito torna-se bastante contraditório, tendo em vista a passagem dos cristãos pelas

⁶⁵ Foi um monge, muito devoto a Deus. Fez seus votos com a idade de 17 anos de idade no mosteiro em Suxillanges da Congregação de Cluny. Dedicou parte de sua vida, na tradução de documentos islâmicos, principalmente na Espanha.

⁶⁶ Pedro, o Venerável, 1142, apud, LE GOFF, J. **Os intelectuais na Idade Média**, 2003, p. 40.

⁶⁷ LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro: Editor José Olympio, 2003, p. 37.

regiões árabes. Na obra de Amin Maalouf, há crônicas que mostram como a cultura árabe influenciou positivamente a cultura ocidental, de como o contato entre as duas faça com que a segunda evolua. O relato que se segue é do cronista Ussama Ibn Munquidh, que, segundo o autor, “felizmente para nós, o emir cronista não se limitava às questões diplomáticas⁶⁸”.

Quando visitava Jerusalém, tinha o costume de me dirigir à msquita al-Aqsa, morada de meus amigos templários. Ali havia, num dos lados, um pequeno oratório onde os *franj* haviam instalado uma igreja. Os templários colocavam esse lugar à minha disposição para que nele eu pudesse fazer minhas preces. Um dia entrei, disse Allahou Akbar! E ia dar início à prece, quando um homem, um *franj*, se precipitou sobre mim, me agarrou e virou meu rosto em direção ao Oriente dizendo-me: ‘É assim que se reza!’. Imediatamente os templários acorreram e o afastaram de mim. Voltei para minha prece, mas esse mesmo homem aproveitando de um momento de descuido, se lançou novamente sobre mim, virou meu rosto para o Oriente e repetiu: ‘É assim que se reza!’. Ainda dessa vez, os templários intervieram, o afastaram e pediram desculpas dizendo: ‘É um forasteiro. Acaba de chegar do país dos *franj* e nunca viu ninguém rezar sem se voltar em direção do Oriente’. Respondi que havia rezado bastante e saí, estupefato com o comportamento desse demônio que havia ficado de tal modo aborrecido ao me ver rezar na direção de Meca⁶⁹.

O que abre espaço para o cronista não hesitar, em alguns momentos, chamar os templários de “meus amigos” deve-se ao fato de que entre os *franj*, explica Ussama, “vemos alguns que se fixaram entre nós e que cultivaram a companhia dos muçulmanos. São bem superiores àqueles que recentemente a ele se juntaram nos territórios que ocupam⁷⁰”. Ussama foi uma pessoa importantíssima da época, sendo considerado ‘homem de letras’, trabalhou junto a pessoas ímpares na história de sua contemporaneidade como Saladino e Nureddin⁷¹ sobre este Ibn al-Athir descreve: “Li as vidas dos soberanos dos velhos tempos, e não encontrei nenhum homem, exceto entre os primeiros califas, que fosse tão virtuoso e tão justo quanto Nureddin⁷²”. A obra mais conhecida de Ussama é o “*Livro da Contemplação*” que possui longos relatos sobre os cruzados, a quem visitou e fez até amizade em algumas ocasiões, mesmo assim os considerava em sua maioria como bárbaros estrangeiros.

O cronista relata em diversos casos sua indignação com os comportamentos dos ocidentais. Percebe-se através de suas crônicas como o comportamento dos cruzados se mostrava algo baixo e vil. Como na crônica relatada abaixo por Ussama:

⁶⁸ MAALOUF, A. Op. Cit., p. 124.

⁶⁹ Idem, p. 124.

⁷⁰ Idem, p. 124.

⁷¹ Califa que possuía grandes virtudes e totalmente devotado ao *Jihad*.

⁷² Idem, p. 137.

Encontrava-me em Tiberíades num dia em que os *franj* celebravam uma de suas festas. Os cavaleiros tinham saído de sua cidade para se entregar a um jogo de lanças. Tinham arrastado consigo duas velhas mulheres decrepitas que colocaram na extremidade do hipódromo, ao passo que na outra havia um porco, suspenso numa rocha. Os cavaleiros tinham então organizado uma corrida a pé entre as duas velhas. Cada uma avançava, escoltada por um grupo de cavaleiros que lhe obstruía o caminho. A cada passo que davam, elas caíam, depois se levantavam, em meio as gargalhadas dos espectadores. No final, uma das velhas, a que chegou primeiro, ficou com o porco como prêmio de sua vitória⁷³

A justiça, para o Islamismo, é um dos pilares mais forte para sua sustentação, sendo que o Alcorão a trata como uma virtude suprema. “Deus ordena a justiça, e tratamento justo” diz o Alcorão. Neste contexto, o emir Ussama, homem letrado, se mostra indignado e desgostoso em relação como os ocidentais tratam tal assunto, e com toda razão. Isso dá ensejo a questionarmos os valores que o Cristianismo pregava, bem como abre espaço para se pensar em qual era o verdadeiro motivo das cruzadas, e o qual o sentido da religião, qual o tamanho da sua influência na vida destes homens.

Por estarem em guerra seria justificável que os cristãos agissem cruelmente? Uma coisa não pode levar a outra. Se afirmavam estarem lá em nome da fé, indaga-se: que tipo de fé é essa? Os relatos são bastante acusadores no sentido de mostrar como os cruzados agiam em cada território que chegavam, os árabes enxergaram os ocidentais com um medo ainda não conhecido por eles. Outro relato da crueldade praticada pelos *franj* é narrado por Ussama:

“Em Naplusa”, ele conta, “tive a oportunidade de assistir a um curioso espetáculo. Dois homens deveriam defrontar-se em combate singular. O motivo era o seguinte: salteadores muçulmanos tinham invadido uma aldeia vizinha, e um agricultor era suspeito de lhe ter servido de guia. Ele havia fugido, mas logo devirá voltar, pois o rei Fulque tinha mandado prender os seus filhos. ‘Trata-me com equidade’, lhe pedira o agricultor, ‘e permita que eu me bata com aquele que me acusou’. O rei então disse ao senhor que havia recebido a aldeia como doação: ‘Mande vir o adversário’. [...] “A luta teve início”, prossegue Ussama. “O velho empurrava seu adversário para trás, o arremessava em direção a multidão, depois voltava para o centro da arena. Houve uma troca tão violenta de golpes que os rivais, pareciam formar uma só coluna de sangue. [...] Finalmente, o velho ficou esgotado e o ferreiro, aproveitando de sua experiência em manejar o martelo, lhe descarregou um golpe que o derrubou, fazendo com que o velho abandonasse a lança. Depois se abaixou sobre ele para lhe enfiar os dedos nos olhos, mas sem conseguir por causa do jorro de sangue que escorria. O ferreiro então se levantou e matou o adversário com um golpe de lança. Logo, foi atada em torno do pescoço do cadáver uma corda com a qual ele

⁷³ MAALOU, A. Op. Cit., p. 125.

foi arrastado até o cadafalso, onde o penduraram, vede, através desse exemplo, o que é a justiça *franj*⁷⁴.

Ussama, se mostra horrorizado com tal situação, pois, como dito anteriormente, a justiça no mundo árabe era algo interpretado diretamente do Alcorão, na qual requeria um processo bastante minucioso, com defesa de uma causa e testemunhas. Mas o que se via nos julgamentos dos ocidentais, pelas palavras do emir, era muito mais uma coisa macabra. Relatos como estes são diversos, o emir ao registrar acontecimentos como estes, mostra-se surpreso com tanta crueldade. Neste mesmo sentido, o cronista relata outro episódio digno da injustiça que faz jus aos ocidentais, conhecida como o suplício da água que o mesmo conta com indignação:

Haviam instalado um grande tonel cheio de água. O jovem que era objeto de suspeitas foi atado, suspenso pelas omoplatas a uma corda e lançado no tonel. Se fosse inocente, diziam, ele se afundaria na água, e seria retirado por meio da corda. O infeliz, quando o jogaram dentro da barrica, fez esforços para ir até o fundo, mas não conseguiu, e teve de se submeter aos rigores de sua lei, que Deus os amaldiçoe! Então lhe passaram pelos olhos um burril de prata, avermelhada no fogo, e o cegaram⁷⁵.

O ponto que a chegam os ocidentais é de uma barbárie ímpar. Mas estes fatos sozinhos não são os únicos que ajudam no julgamento de Ussama em classificar os ocidentais como sendo os verdadeiros bárbaros. É bastante perceptível que Ussama não se mostra indignado apenas com esses fatos marcados pelas barbaridades e injustiças dos ocidentais, mas esta indignação se prolonga para os assuntos técnicos e científicos, principalmente em relação à medicina, em que há um afastamento enorme entre o Oriente desenvolvido e o Ocidente primitivo. Tal fato nos dá margem para fazer uma comparação entre os dois povos. Ussama observa estas constatações e narra um episódio que sustenta a total falta de capacidade dos *franj* em tratar assuntos importantes, como os medicinais.

“Um dia”, ele conta, “o governador franco de Muneitra, no monte Líbano, escreveu ao meu tio Sultan, emir de Chayzar, para lhe pedir que lhe enviasse um médico para cuidar de alguns casos urgentes. Meu tio escolheu um médico cristão de nosso país chamado Thabet. Esse se ausentou apenas por poucos dias, depois voltou. Todos estávamos bastante curiosos, para saber como ele tinha podido assim tão rapidamente obter a curados doentes, e i crivamos de perguntas. Thabet respondeu: ‘Fizeram ver à minha presença um cavaleiro que tinha um abscesso na perna e uma mulher desnutrida e definhada. Coloquei um emplastro no cavaleiro, o tumor abriu e melhorou. Para a mulher, prescrevi uma dieta para refrescar-lhe o temperamento’. Mas um médico franco chegou e então disse: ‘Este homem não sabe tratar deles!’. E dirigindo-se ao cavaleiro, perguntou-lhe: ‘O que você prefere, viver com

⁷⁴ MAALOUF, A. Op. Cit. p. 126.

⁷⁵ Idem, p. 126.

uma só perna ou morrer com as duas?'. O paciente tendo respondido que preferia viver com uma só perna, o médico ordenou: 'Tragam-me um cavaleiro forte com um machado bem afiado'. Logo vi chegar o cavaleiro e o machado. O médico franco colocou a perna do paciente em um cepo e disse ao recém-chegado: 'Dê uma boa machadada para cortá-la de uma só vez!'. Sob meus olhos, o homem descarregou o primeiro golpe na perna, depois como ela continuasse presa, bateu uma segunda vez. O tutano da perna esguichou e o ferido morreu no mesmo instante. Quanto à mulher, o médico franco a examinou e disse: 'Ela tem na cabeça um demônio que está apaixonado por ela. Cortem-lhe os cabelos!'. Eles foram cortados. A mulher então começou a comer seu alimento com alho e mostarda, o que agravou o definhamento. 'Foi o diabo que lhe entrou na cabeça', afirmou o médico. E, pegando uma navalha, fez-lhe uma incisão em forma de cruz, deixando aparecer o osso da cabeça, que ele esfregou com sal. A mulher morreu imediatamente. Então perguntei: 'Vocês ainda precisa de mim?'. Disseram-me que não, e eu retornei, depois de ter aprendido muitas coisas que ignorava a respeito da medicina dos *franj*'.⁷⁶

Tendo por base uma descrição como esta, percebe-se a discrepância entre as culturas árabe e ocidental. Esta conduta tomada por este médico cristão se enquadraria perfeitamente no conceito de barbárie, algo totalmente repulsivo, tomado de ignorância e despreparo. Sabe-se que a cultura árabe acrescentou muito para a cultura ocidental em diversos segmentos não só na medicina. Não se pode pensar em um Ocidente desenvolvido, sem antes falar da contribuição árabe para que isso ocorresse.

As contribuições árabes para os ocidentais são incalculáveis, desde a culinária e agricultura a outros assuntos mais complexos. E se algo foi positivo nas cruzadas para os ocidentais, certamente foi a assimilação da cultura árabe em seus diversos aspectos, que se mostrou extremamente valorosa para os *franj*. Dentre as contribuições árabes para os ocidentais, podemos citar algumas que merecem destaque:

A aritmética com a álgebra de Al Karismi – à espera de que, nos primeiros anos do séculos XIII, Leonardo de Pisa dê a conhecer os algarismos ditos arábicos, na verdade indianos, mas vindos da Índia através dos árabes. A medicina com Razi – que os cristãos chama de Razés – e sobretudo Ibn Sina ou Avicena, cuja enciclopédia médica ou Cânon seria o livro de cabeceira dos médicos ocidentais. Astrônomos, botânicos, agrônomos – e principalmente alquimistas, que transmitem aos latinos a pesquisa fabril do elixir. A filosofia, afinal, que, a partir de Aristóteles, constrói poderosas sínteses com Al Farabi e Avicena. Com as obras, as próprias para cifra [algarismo], zero, álgebra são dadas aos cristãos pelos árabes, ao mesmo tempo em que lhes dão também o vocabulário do comércio: duana, bazar, funduco, gabela, cheque, etc.⁷⁷.

⁷⁶ MAALOUF, A. Op. Cit., p. 127.

⁷⁷ LE GOFF, J. Op. Cit., p. 41.

É claro que estas contribuições citadas são somente algumas das várias que existiram. Mas percebe-se a importância delas, e foram a partir delas que a Europa medieval começou a engatilhar uma evolução intelectual em Paris e em seus arredores principalmente. Portanto, é impossível abordar todas as contribuições que os árabes propiciaram aos europeus do ocidente, muito mais do que isso, pode-se dizer que,

[...] O Oriente não está apenas adjacente à Europa; é também onde estão localizadas as maiores, mais ricas e mais antigas colônias européias, a fonte das suas civilizações e línguas, seu concorrente cultural e uma das suas mais profundas e recorrentes imagens do Outro. Além disso, o Oriente ajudou a definir a Europa (ou Ocidente), como sua imagem, idéia, personalidade e experiência de contraste. Contudo, nada desse Oriente é meramente imaginativo. O oriente é parte integrante da civilização e da cultura *materiais* da Europa⁷⁸.

Nos dias de hoje, esta discussão sobre a contribuição árabe para os ocidentais praticamente não existe, pois se sabe que as grandes potências da Europa, assim como os Estados Unidos da América, preferem taxar de qualquer maneira os povos árabes como um problema para o mundo. Simplesmente para obter vantagens em um jogo de interesses políticos e comerciais, justificando medidas extremas como a invasão aos países árabes. Mas se sabe que,

[...] na época das cruzadas, o mundo árabe, da Espanha ao Iraque, é ainda intelectualmente e materialmente o depositário da civilização mais avançada do planeta. Depois, o centro do mundo se desloca resolutamente em direção ao Oeste. Há nisso uma relação de causa e efeito? Podemos chegar a afirmar que as cruzadas deram o sinal do impulso da Europa ocidental – que ia progressivamente dominar o mundo – e haviam dado o dobre funerário da civilização árabe⁷⁹.

Sobre a discussão do canibalismo e consequentemente da barbárie, tomando o ano de 1098, na região da Síria, na cidade de Maara, um poeta anônimo exclama: “Eu não sei se o domicílio onde nasci se trata de um pasto de bestas selvagens ou de minha casa!⁸⁰”. O poeta anônimo refere-se às atrocidades que aconteceram naquele local. Com as palavras de Raoul de Caen, cronista franco que testemunhou a esses fatos tem-se que: “em Maara, os nossos faziam ferver os pagãos adultos em caldeiras, fincavam as crianças em espetos e as

⁷⁸ SAID, Edward W. **Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1990, p.14.

⁷⁹ MAALOUF, A. Op. Cit., p. 241.

⁸⁰ Idem, p. 45.

devoravam grelhada⁸¹”. Estas atrocidades ficaram marcadas nas crônicas de Ussama Ibn Munquidh, nascido três anos antes desses acontecimentos na cidade vizinha de Chayzar:

Todos aqueles que se informaram a respeito dos *franj* viram neles animais que possuem a superioridade da coragem e do ardor no combate, mas nenhuma outra, assim como os animais têm a superioridade da força e da agressão⁸².

Não há dúvidas da força com que os cristãos batalhavam, porém, não era um modo de batalha que poderiam se vangloriar, pois junto ao seu ardor no combate havia dentro deles uma barbárie intrínseca. Com certeza acontecimentos como estes ficaram marcados para os povos que testemunharam tais atrocidades. “A lembrança dessas atrocidades propagadas pelos poetas locais assim como pela tradição oral fixará nos espíritos uma imagem dos *franj* difícil de ser apagada⁸³”. Seria o julgamento desses cronistas desprovidos de autenticidade? A resposta mais plausível é que não, pois jamais os turcos esquecerão o canibalismo dos ocidentais. “Em toda sua literatura épica, os *franj* serão invariavelmente descritos como antropófagos⁸⁴”. Canibais por necessidade? Canibais por fanatismo? Como a carta enviada pelo chefe dos exércitos francos ao Papa em que dizia: “Uma terrível fome assolou o exército de Maara e o colocou na cruel necessidade de se alimentar dos cadáveres sarracenos⁸⁵”. Tal carta se mostra contraditória ao saber que,

os habitantes da região de Maara assistem, durante esse sinistro inverno, a comportamentos que a fome não pode explicar. Eles vêem, com efeito, os bandos de *franj* fanatizados, os *tafurs*⁸⁶, que se espalham pelos acampamentos, clamando bem alto que querem devorar a carne dos sarracenos, e que se reúnem à noite ao redor do fogo para devorar suas presas⁸⁷.

Apesar de tudo isso parecer irreal, os testemunhos são acusadores. A esse respeito, uma frase do cronista franco Albert de Aix, que participou pessoalmente da batalha de Maara, permanece de mesmo modo assustador: “Os nossos não repugnavam em comer não só a carne

⁸¹ MAALOUF, A. Op. Cit., p. 47.

⁸² Idem, p. 47.

⁸³ Idem, p. 47.

⁸⁴ Idem, p. 47.

⁸⁵ Idem, p. 47.

⁸⁶ Nome que, na Idade Média, durante o período da primeira cruzada (século XI) identificava bando de miseráveis e vadios que formavam verdadeiro exército, não só atacando e saqueando as cidades, como combatendo os muçulmanos. Os *tafurs* que se apresentavam liderados por um personagem na qualidade de rei – segundo alguns, ex-cavaleiros normando – constituíam um agrupamento de centenas de homens dotados de incrível ferocidade, intimidando não só os turcos como os próprios cristãos.(...) Descalços e imundos alimentado-se de raízes e ervas e não hesitando em praticar canibalismo com os corpos de seus inimigos, os *tafurs*, no dizer dos cruzados eram “demônios vivos”.

⁸⁷ Idem, p. 48.

dos turcos e dos sarracenos mortos como também a carne dos cães⁸⁸. O episódio de Maara vai contribuir para cavar entre os árabes e os *franj* um fosso que vários séculos não serão suficientes pra preencher.

Nestes primeiros anos das cruzadas, os *franj* conseguiram uma expansão muito grande, e de fato conseguiram o objetivo principal de conquistar a Terra Santa no ano de 1099. Um dos fatores determinantes para isso residia na desorganização política que se encontrava o Oriente naquela época, tanto pelas brigas internas dos turcos, quanto dos sultões, o que fez com que a investida cristã obtivesse um sucesso de certa forma rápido nas primeiras cruzadas. “Os sultões não se entendiam”, dirá o cronista Ibn al- Athir, “e é por isso que os *franj* puderam apossar-se do país⁸⁹”. Como disse o senhor de Trípoli nos momentos em que os cristãos atingiram o auge de suas conquistas: “Cada vez que os *franj* se apossam de uma fortaleza, eles atacam outra, seu poder vai continuar crescendo até que ocupem a Síria toda e exilem os muçulmanos deste país⁹⁰”. Saladino também observou tal inércia dos árabes para com os ocidentais, “Olhem para os *franj*! Vejam com que fúria lutam por sua religião, enquanto nós, os muçulmanos, não demonstramos ardor algum em travar a Guerra Santa⁹¹”. Pode-se atribuir essa inércia ao medo que assolou esses povos, medo da barbárie que presenciavam constantemente. Mas também é verdade que

os cruzados recuperaram os Santos Lugares, mas só os mantiveram em sua posse menos de cem anos. E tanto nessa obra de conquista como na realização do sonho de estender até ao Oriente o poderio do Ocidente, os cruzados fracassaram, ao final. Ao se encerrarem as Cruzadas, a lei de Maomé dominava as terras onde se haviam travado as batalhas, o império bizantino dos cristãos orientais estava fatalmente abalado, e a Europa novamente deveria voltar-se sobre si própria. Porém jamais seria a mesma Europa; suas janelas para o mundo tinham-se aberto, e não havia faceta da vida medieval que não houvesse sido afetada⁹².

O que impressiona, é a crueldade com que os *franj* tratam as suas vítimas. Como relata o cronista al-Qalanissi referindo-se à chegada dos *franj* em um acampamento localizado nas proximidades de Jerusalém: “Al-Afdal retirou-se também. Os sabres dos *franj* triunfaram sobre os muçulmanos. A matança não poupou nem as crianças, nem os voluntários, nem as pessoas da cidade. Cerca de dez mil almas morreram e acampamento foi pilhado⁹³”. Al-Afdal era líder da nação egípcia e curiosamente tentou desde o começo da expansão *franj* tentar uma

⁸⁸ MAALOUF, A. Op. Cit., p.47.

⁸⁹ Idem, p.61.

⁹⁰ Idem, p. 63.

⁹¹ Idem, p. 14.

⁹² FREMANTLE, A. Op. Cit., p. 54.

⁹³ Idem, p. 58.

aliança, mas foi enganado pelos *franj* que não cumpriram um acordo militar que eles tinham estabelecido. Naquela época Jerusalém se encontrava nas mãos dos egípcios, como já foi retratado neste trabalho.

Uma parte importante do filme “*Cruzada*” ilustra bem como era o comportamento dos *franj* em relação aos árabes. Em um diálogo entre Saladino (Ghassan Massoud) e o protagonista do filme, Balian (Orlando Bloom), durante a famosa batalha de Hattin⁹⁴, Saladino, que já estava com a vitória nas mãos, propõe dar salvo-conduto para todos os habitantes de Jerusalém, homens mulheres crianças, idosos, a rainha, até as terras cristãs mais próximas. Balian, surpreso, diz a ele que quando os cristãos conquistaram Jerusalém não pouparam a vida de ninguém, e Saladino o responde pacientemente que ele não era nenhum desses homens, ele era Saladino. E, nesses termos, Balian entrega Jerusalém, e Saladino cumpre com o acordo, algo que os cristãos não fizeram durante todo o período das cruzadas: cumprir acordos. Ao fim do diálogo, quando Saladino já está de costas para Balian, este o questiona de que valia Jerusalém para ele, Saladino vira em sua direção e responde que não significava nada, continua a andar, e vira novamente em questão de segundos e diz: Tudo!.

Este momento histórico, é relatado pelo cronista Ibn al-Athir, nas seguintes palavras:

Balian insiste em obter uma promessa de salvação, relata Ibn al-Athir, “ mas Saladino nada promete. Tenta enternecê-lo, mas em vão. Então se dirige a ele nestes termos: ‘Ó sultão, fica sabendo que existe nessa cidade uma quantidade de pessoas das quais somente Deus sabe o número. Eles hesitam em prosseguir o combate, pois esperam que tu preserves suas vidas como fizestes com muitos outros, porque amam a vida e detestam a morte. Mas se virmos que a morte é inevitável, então pó Deus, mataremos nossos filhos e nossas mulheres, queimaremos tudo que possuímos, não vos deixaremos, como resto um só dinar, um só driham, um só homem nem uma só mulher para serem capturados. Em seguida, destruiremos o rochedo sagrado, a mesquita al-Aqsa e muitos outros lugares, mataremos os cinco mil prisioneiros muçulmanos que detemos, depois exterminaremos todas as montarias e todos os animais. No fim, sairemos, e nos bateremos contra vós como quem se bate pela vida. Nenhum de nós morrerá sem ter matado vários dos vossos⁹⁵”.

Apesar de não ser árabe de origem, Saladino, que era de origem curda⁹⁶, possuía os ensinamentos do Islamismo como maior referência para sua vida. Muitas vezes criticados até mesmo pelos muçulmanos por sua benevolência para com os adversários, Saladino foi um

⁹⁴ A batalha de Hattin representou a queda dos Cruzados e vitória do exército de Saladino na reconquista de Jerusalém.

⁹⁵ MAALOUF, A. Op. Cit. p. 185.

⁹⁶ Os curdos são um grupo étnico, que se consideram nativos de uma região freqüentemente referida como Curdistão, que inclui partes adjacentes do Irã, Iraque, Síria, Turquia, Armênia e Geórgia.

líder impar para história do Islamismo e consequentemente para o fim das cruzadas. Este sempre fez questão de agradecer sua riqueza a Deus e a seu mestre Nureddin. Seu secretário particular Bahaeddin, fez questão de descrever algumas qualidades de seu mestre, dentre elas a modéstia.

Um dia em que Saladino se encontrava cansado e procurava repousar, um de seus mamelucos veio a ele e lhe apresentou um papel para ser assinado. 'Estou esgotado', disse o sultão, 'volte dentro de uma hora!' Mas o homem insistiu. Quase encostou o papel no rosto de Saladino, dizendo: 'Que o mestre assine!'. O sultão responde: 'Mas eu não tenho tinteiro à mão!'. Ele estava sentando à entrada de sua tenda, e o mameluco notou que havia um tinteiro no interior. 'Veja o tinteiro, no fundo da tenda', disse, o que significava que ele ordenava a Saladino que este fosse buscar o tinteiro, nada menos do que isso. O sultão voltou-se, viu o tinteiro e disse: 'Por Deus, é verdade!'. Então virou-se para trás, apoiou-se no braço esquerdo e pegou o tinteiro com a mão direita. Depois assinou o papel⁹⁷.

Este incidente, relatado por seu secretário, ilustra de maneira fascinante a diferença deste líder sobre os demais, que mesmo depois de atingir a glória e o poder se mantêm extremamente humilde e modesto. Saladino representa o que de melhor existe nos ensinamentos do Islã, benevolência, amor ao próximo e justiça. Um líder diferente dos líderes *franj*, Saladino por mais de uma vez tentou estabelecer a paz entre cristãos e muçulmanos, quando aqueles ainda estavam com o domínio sob Jerusalém. Mas os líderes cristãos como Renaud de Chatillon⁹⁸ e Guy de Lusignan⁹⁹ quebraram acordos de paz por diversas vezes, forçando o acontecimento da Batalha de Hattin, que foi o marco da queda ocidental no Oriente. O filme *Cruzada*, ilustra muito bem essa passagem, representando uma cena em que Renaud e Guy são capturados por Saladino, e na tenda do sultão segundo os acontecimentos presenciados e relatados pelo cronista Imad ad-Din al-Isfahani¹⁰⁰:

Saladino convidou o rei [Guy] a sentar-se ao seu lado, e quando Arnat [Reinaldo] por sua vez entrou, sentou-o ao lado do seu rei e lembrou-o das suas más ações. "Quantas vezes vós fizestes uma promessa e a violastes? Quantas vezes vós assinastes acordos que nunca respeitastes?" Reinaldo respondeu através de um tradutor: "Os reis sempre agiram assim. Eu não fiz nada mais." Durante isto, o rei Guy arquejava com sede, a sua cabeça balançando como se estivesse ébrio, o seu rosto traindo grande medo.

⁹⁷ MAALOUF, A. Op. Cit, p. 167.

⁹⁸ Renaud de Chatillon (morte em 1187), foi um cavaleiro que serviu na segunda cruzada e por lá se quedou até o fim dos seus dias. De origem duvidosa, crê-se de Chatillon-sur-Marne, na província de Champagne. Causou problemas envolvendo o reino cristão e os muçulmanos, acabando por ter influência em determinados acontecimentos que provocariam a Batalha de Hattin e, no seguimento desta, com a perda de Jerusalém no ano de 1187.

⁹⁹ Guy de Lusignan (1150-1194), foi um nobre cavaleiro francês. Tornou-se regente e depois monarca do reino de Jerusalém, ao se casar com a princesa Sibila de Jerusalém no ano de 1180.

¹⁰⁰ Conferir apêndice.

Saladino disse-lhe palavras tranquilizadoras, e mandou trazer água fresca, que lhe ofereceu. O rei bebeu, depois passou o restante a Reinaldo, que então saciou a sua sede. O sultão então disse a Guy: "Não pedistes permissão antes de lhe dardes água. Deste modo, não sou obrigado a conceder-lhe misericórdia." Depois de pronunciar estas palavras, o sultão sorriu, montou no seu cavalo e saiu, deixando os cativos em terror. Supervisionou o regresso das tropas e depois voltou à sua tenda. Ordenou que lhe trouxessem Reinaldo, depois avançou sobre ele, de espada em punho, e atingiu-o entre o pescoço e a omoplata. Quando Reinaldo caiu, cortou-lhe a cabeça e arrastou o corpo pelos pés até ao rei, que começou a tremer. Vendo-o assim perturbado, Saladino lhe disse em um tom tranquilizador: "Este homem só foi morto por causa da sua maleficência e perfídia"¹⁰¹.

Outro acontecimento narrado por seu secretário Bahaeddin ajuda-nos a compreender o quão diferente este sultão era dos demais líderes, principalmente os líderes *franj*. Seu choro é derramado, não apenas pelas pessoas mais próximas a ele.

Uma vez, lembra Baheddin, enquanto eu cavalgava ao lado do sultão frente aos *franj*, um batedor do exército veio a nós com uma mulher que soluçava e batia no peito. 'Ela veio do grupo *franj*', nos explicou o batedor, 'para encontrar o mestre, e nós a trouxemos'. Saladino pediu a seu intérprete para interrogá-la. Ela disse: 'Ladrões muçulmanos entraram ontem em minha tenda e roubaram minha filhinha. Passei toda noite chorando, então nossos chefes me disseram: O rei dos muçulmanos é misericordioso, nós a deixaremos ir até ele e você poderá pedir-lhe por sua filha. Então vim e coloquei todas as minhas esperanças em você'. Saladino ficou comovido e lágrimas vieram-lhe aos olhos. Ele enviou alguém ao mercado de escravos para procurar a filha, e em menos de uma hora um cavaleiro chegou trazendo a criança nos ombros. Assim que os viu, a mãe atirou-se ao chão, sujou o rosto de areia, e todos os presentes choravam de emoção. Ela olha para o céu e começa a dizer coisas incompreensíveis. Então, devolveram-lhe a filha e a acompanharam ao acampamento *franj*¹⁰².

A Terra Santa era importante para todos, afinal, mesmo o reino de Jerusalém não sendo o paraíso pluralista do filme *Cruzada*, era um lugar bem tolerante em termos medievais. Então, muçulmanos podiam ir a Jerusalém, judeus faziam seus cultos e cristãos chegavam à cidade. Para os judeus, Jerusalém é onde Salomão ergueu o primeiro templo, e Herodes o segundo. Os muçulmanos acreditam que foi de lá que Maomé ascendeu ao paraíso. E para os cristãos, o local da crucificação de Cristo, e de sua ressurreição. Tanto é que antigamente, sabe-se que centenas de mapas dos cristão-ocidentais possuíam em seu centro Jerusalém, pois acreditavam que lá era o centro do Universo.

¹⁰¹ DUARTE, João. **Renaud de Châtillon**. Disponível em: <comendadoriadesantamariadocastelo.blogspot.com.br/2011/06/renauld-de-chatillon.html>. Acessado em: 15/10/2012.

¹⁰² MAALOUF, A. Op. Cit., p. 56.

A ocupação *franj* em Jerusalém ficou marcada na história, devido às atrocidades que os cristãos cometeram ao chegarem à Terra Santa, não poupando a vida de ninguém. Anotará Ibn al-Athir: “A população da Cidade Santa foi morta pela espada, e os *franj* massacraram os muçulmanos durante uma semana. Na mesquita al-Aqsa, eles mataram mais de 70 mil pessoas¹⁰³”. Ibn al-Qalanissi, que evita manipular números que não se podem verificar, precisa: “Muitas pessoas foram mortas. Os judeus reunidos na sua sinagoga e os *franj* os queimaram vivos. Eles destruíram também os monumentos dos santos e o túmulo de Abraão – que a paz esteja com ele!¹⁰⁴”. A diferença entre árabes e cristãos fica cada vez mais nítida. Ao tempo do domínio árabe-muçulmano sobre Jerusalém, o acesso de judeus e católicos aos lugares santos era de livre acesso. Com o domínio franco, não bastando exterminar a maioria da população, eles destruíram praticamente todos os lugares sagrados dos demais segmentos religiosos.

Com o passar do tempo, a revolta dos árabes contra os cristãos só aumentava. As atrocidades que estes cometiam, foi a mola propulsora que gerou o sentimento da *jihad* nos muçulmanos. Como relata o cronista Ibn al-Qalanissi, referindo-se a este tempo de ocupação *franj* nas terras dos povos árabes e a revolta que estes estavam com tal domínio:

Eles obrigaram o pregador a descer de seu púlpito, que quebraram, e puseram-se a gritar, a chorar sobre as desgraças sofridas pelo Islã por causa dos *franj* que matavam os homens, escravizando as mulheres e as crianças. Como eles impediam os crentes de rezar, os responsáveis presentes fizeram-lhes promessas para acalmá-lo: enviariam exércitos para defender o Islã contra os *franj* e todos os infiéis¹⁰⁵.

A citação acima relatada por al-Qalanissi que se passa pelo ano de 1111 representa a indignação que os povos árabes estavam com a crescente ocupação dos *franj* em suas terras. Demorou muitos anos, mais aos poucos foi despertando nos árabes o sentimento da *jihad*. Ganhou força não no sentido empregado pelos ocidentais, que seria aquela “Guerra Santa” sangrenta com intuito de islamizar o inimigo; mas sim no seu sentido correto, que seria aquela ensinada pelo Profeta, que é achar o verdadeiro espírito interior, que é defender o Islamismo contras as atrocidades que estavam sendo cometidas pelos seus inimigos. A esta altura os *franj* possuíam domínio de grandes proporções de territórios, e somente com invocação da *jihad* seria possível reverter este quadro.

¹⁰³ MAALOUF, A. Op. Cit., p.56.

¹⁰⁴ Idem, p. 57.

¹⁰⁵ Idem, p. 85.

Para o presente trabalho, não teria melhor explicação sobre o fim das cruzadas do que a dada por Le Goff, já que o autor pontua de forma precisa o balanço final que esses vários anos de guerras causaram principalmente para a Europa ocidental. Fazendo uma analogia aos dias de hoje, as cruzadas para os cristãos representaram o que a guerra contra o Iraque representa e representou para os Estados Unidos, desperdício de dinheiro e de vidas.

Não me parece que as cruzadas apenas agravaram as relações da Europa cristã com o islã e com Bizâncio. Hoje os muçulmanos, que não precisam ter inveja dos cristãos em matérias de guerra santa, destacam a lembrança da agressão que as cruzadas representaram como uma queixa histórica contra os cristãos. Parece-me, além desse conflito, que as cruzadas marcam o fim de uma ilusão da cristandade européia, a idéia de que a capital da cristandade está em Jerusalém. Neste aspecto, o fracasso das cruzadas foi uma condição muito favorável para unidade da Europa. Garante a adequação dentro da Europa e a cristandade por longo tempo. Quanto a Bizâncio, é verdade que as cruzadas aumentaram o fosso entre Europa Ocidental e Europa Oriental, Europa Latina e Europa Grega, sobretudo a partir de 1204, quando a quarta cruzada desviou-se de sua meta palestina para ir conquistar e pilhar Constantinopla e instaurar aí um efêmero império latino. Parece-me que o caráter negativo da influência das cruzadas é igualmente verdadeiro para a própria Europa, para o Ocidente. Longe de favorecer uma união entre os estados cristãos, a cruzada avivou a sua rivalidade. Vê-se isso entre a França e a Inglaterra. Vê-se também como as forças vivas da Europa, os mercadores italianos e catalães, tomaram parte apenas marginalmente nessas cruzadas, levando ao lado delas e fora delas suas vantagens econômicas no Oriente. Em compensação, a cruzada empobreceu a Europa em homens e recursos¹⁰⁶.

Se era ou não necessária a existência das cruzadas é algo impossível de analisar. O que chama a atenção neste trabalho não é a cruzada em si, mas como ela se procedeu, como os árabes enxergaram e reagiram a tal evento. Analisando as historiografias e as fontes, torna-se claro o quão o Oriente desenvolvido era superior ao Ocidente em diversos requisitos. No poderio militar, os francos mostraram em diversas oportunidades que possuíam grandes qualidades, não tendo como negar que conquistaram batalhas e lugares importantes contornando situações muito difíceis de superar. Mas estes acontecimentos é algo comum a todos, o que realmente se torna relevante é como agiam pelos lugares que passavam. A barbárie dificilmente deixava de acompanhar os francos por onde se estabeleciam. A ironia reside nesta discussão. Períodos bem anteriores às cruzadas, a Igreja Católica já taxava os muçulmanos como sendo bárbaros, mas ao terem um contato tão próximo com esses povos, que em sua grande maioria eram árabes, as revelações são surpreendentes. A figura do bárbaro muda de lugar, e os cristãos do ocidente não deixam dúvidas quanto a isso.

¹⁰⁶ LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007. p. 141.

Conclusão

O balanço histórico das cruzadas foi analisado de maneiras diversas. A ideia das cruzadas mostrarem uma vitalidade do Ocidente se atenua cada vez mais. Jean Flori destacou com inteligência o que julga ser o “paradoxo da cruzada”:

Primeiro paradoxo: As cruzadas são feitas pelos cristãos em nome de uma religião, que inicialmente pretendia ser pacífica, contra os muçulmanos fiéis de uma religião que, ao contrário, desde a origem incorporara a *jihad* à sua doutrina enquanto praticavam, nas terras conquistadas, uma tolerância muito ampla¹⁰⁷.

Por mais de uma vez foi mostrado neste trabalho como a citação acima de fato se mostrou na prática. Se a “Guerra Santa” cristã foi uma espécie de contra *jihad*, o que talvez tenha sido a causa do sucesso de ingressantes na causa, também é verdade que o modo de domínio cristão era extremamente repugnante e vil, ao contrário do que se poderia dizer das conquistas dos árabes nas quais a tolerância era marca presente. Sobre isso se sabe que:

Já é notório que a política dos califas em relação aos povos submetidos se definiu mais por vias de tolerância que por métodos de coação, repressão ou imposição. O sistema de pactos com os não-muçulmanos – quer dizer, com os judeus e cristãos – implicava uma ampla flexibilidade em todos os campos exceto no pagamento de impostos, caso em que as comunidades judaicas e cristãs poderiam continuar utilizando seu Direito Civil, pessoal e familiar¹⁰⁸.

Esta talvez seja uma das características mais marcantes para distinguir os árabes dos ocidentais naquela época. A liberdade que o islâmico oferecia para os povos dominados mostra uma superioridade moral em relação ao seu inimigo nunca demonstrada por esses. Esta idéia enfatiza onde de fato residia a barbárie, em quem residia a barbárie. Os cristãos agiam como verdadeiros povos sem escrúpulos e sem respeito algum por seus semelhantes. Os francos enxergavam a sua frente somente seus interesses próprios e se esqueciam que diante deles havia um povo com uma cultura a ser respeitada.

Segundo paradoxo: As cruzadas são o resultado de um movimento demasiadamente vasto de reconquista cristã que, iniciada na Espanha, tem aí os primeiros traços de guerra santa antes de ampliá-los quando essa reconquista toma por objetivo Jerusalém e o sepulcro de Cristo. Ora, essa

¹⁰⁷ FLORI, J. *La Guerre Sainte – LA formation de l’idée de croisade dans l’ Occident chrétien*. Paris: Aubier, 2001, apud, LE GOFF, 2007. p. 139.

¹⁰⁸ MARTOS QUESADA, J. *O direito islâmico medieval*. In: Rosalie de Souza Pereira, Org. *O islã clássico: itinerários de uma cultura*. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 218-219.

reconquista tem pleno êxito no Ocidente, mas fracassa no Oriente Próximo onde suscita um contra-ataque muçulmano que levará à tomada de Constantinopla em 1453 e à ameaça otomana sobre a Europa Oriental¹⁰⁹.

Tais acontecimentos abrem a oportunidade de se discutir qual o verdadeiro intuito dos cristãos em pregarem as cruzadas. Se o intuito era defender o cristianismo contra os hereges, por diversas vezes este foco foi desviado. Vários líderes francos ao se depararem com a oportunidade de alcançarem riquezas deixaram Jerusalém em segundo plano e constituíram estados cristãos nos territórios árabes para usufruírem de uma vida que nunca, talvez, teriam na Europa.

Terceiro paradoxo: Na origem, as cruzadas tinham por meta socorrer os cristãos do Oriente, berço do cristianismo, e ajudar o Império Bizantino a reconquistar os territórios invadidos pelos muçulmanos, numa perspectiva de união das igrejas. Ora, as cruzadas acentuaram e selaram a desunião¹¹⁰.

Como foi dito no trabalho, a primeira coisa que os *franj* fizeram ao conquistarem Jerusalém pela primeira vez, foi expulsar todos da cidade inclusive seus correligionários, desviando-se totalmente do objetivo principal das cruzadas, que era libertar os cristãos do Oriente das mãos dos muçulmanos. Como nos mostra a citação abaixo:

Uma das primeiras medidas tomadas pelos *franj* é expulsar da igreja do Santo Sepulcro todos os sacerdotes dos ritos orientais – gregos, gregorianos, armênios, coptas e sírios – que oficiavam juntos, segundo uma antiga tradição que todos os conquistadores haviam respeitado até então¹¹¹.

Quarto paradoxo: A cruzada pregada por Urbano II apresenta-se como uma guerra de libertação da Palestina e uma peregrinação ao Santo Sepulcro. Ora, essa luta foi desviada em proveito de numerosos combates da Igreja ou mais exatamente do papado, não somente contra seus inimigos exteriores, mas também interiores, a saber, hereges, cismáticos, e rivais políticos¹¹².

Pessoas influentes da modernidade, como o Papa João Paulo II (1920-2005), pediu publicamente desculpas pelas atrocidades cometidas pela Igreja durante sua história. Tal fato ocorreu no ano de 2000, ano que marcou os 2000 anos da Igreja Católica, apesar de não ter se referido especificamente a quais eventos ele estava se desculpando, diversos cardeais indicaram que eram aqueles eventos que foram praticados contra os não-católicos. Nestes males reconhece-se o período das cruzadas, da inquisição e a apatia da Igreja. O pedido acompanhou uma viagem do então Papa João Paulo II à Terra Santa. Na ocasião foi criado um documento intitulado: "*Memória e Reconciliação: a Igreja e as Culpas do Passado*" na qual agrupou as incorreções em blocos que abrangem praticamente toda a história da Igreja. Dentre

¹⁰⁹ LE GOFF, J. Op. Cit., p. 140.

¹¹⁰ Idem, p. 140.

¹¹¹ Idem, p. 57.

¹¹² Idem, p. 140.

as incorreções está: pecados cometidos a serviço da verdade: intolerância com os dissidentes e guerras religiosas. Compreendem as cruzadas e a Inquisição.

No mesmo caminho, o Papa Bento XVI, também pediu desculpas ao comportamento da Igreja Católica no passado, na oportunidade,

o papa Bento XVI reconheceu, “com grande vergonha”, o uso da força pelo cristianismo no passado. O sumo pontífice disse ainda que a violência em nome de Deus não tem mais lugar no mundo contemporâneo. O papa se pronunciou durante um evento ecumênico pela paz. Ele recebeu cerca de 300 líderes religiosos do mundo todo, incluindo cristãos, judeus, muçulmanos, hindus, zoroastristas, taoístas, xintoístas e budistas. “Como cristão, gostaria de dizer neste momento: sim, é verdade, ao longo da história, a força foi usada em nome da fé cristã”, disse em discurso às delegações reunidas na basílica de Assis, cidade natal de São Francisco. “Reconhecemos isso com grande vergonha. Mas esta muito claro que isso foi um abuso da fé cristã, algo que evidentemente contradiz sua verdadeira natureza”, afirmou. Essa foi uma das raras vezes em que o papa se desculpou por eventos como as Cruzadas ou o uso da força para difundir a fé no Novo Mundo¹¹³.

Estes fatos só vêm transparecer o que tentou ser mostrado no presente trabalho, que a Igreja Católica na Idade Média criou um estereótipo dos povos árabes-muçulmanos injustamente e que por incrível que pareça perdura até os dias de hoje. É hipocrisia não reconhecer que os árabes são vistos pela maioria dos povos ocidentais e principalmente das grandes potências mundiais como os Estados Unidos e alguns países da Europa como sendo povos totalmente inferiores. Não seria errado dizer que as cruzadas foram uma espécie de pretexto europeu ocidental para atingirem objetivos diversos, assim como nos dias de hoje, os Estados Unidos utiliza de uma imagem negativa criada ao longo dos anos dos povos árabes para justificar uma invasão aos seus territórios para maquiagem outros interesses. O próprio presidente dos Estados Unidos J. W. Bush à época do 11 de setembro disse ser necessário fazer uma nova “cruzada” contra o terrorismo.

Para concluir tal linha de raciocínio, as palavras de Amin Maalouf se encaixam perfeitamente no contexto:

Num mundo muçulmano perpetuamente agredido, não se pode impedir a emergência de um sentimento de perseguição, que torna, entre alguns fanáticos a forma de uma perigosa obsessão: não se viu, em 13 de maio de 1981, o turco Mehmet Ali Agca atirar no papa após ter explicado numa carta: “Decidi matar João Paulo II, comandante supremo dos cruzados”? Além desse ato individual, está claro que o Oriente árabe vê sempre no Ocidente um inimigo natural. Contra ele, todo ato hostil, quer seja político,

¹¹³Revista Abril. **Papa admite vergonha pelo passado violento dos cristãos**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/papa-admite-vergonha-pelo-passado-violento-dos-cristaos>>. Acessado em: 18/11/2012.

militar ou relativo ao petróleo, não passa de desforra legítima. E não se pode duvidar de que a ruptura entre estes dois mundos data das cruzadas, vistas pelos árabes, ainda hoje, como uma violação¹¹⁴.

Face ao exposto, podemos pensar que os bárbaros ao tempo das cruzadas eram os *franj*. “Pouca gente na Europa lhes lamentou o fim, Por toda parte se deixavam ver os mais felizes resultados do contato com as civilizações de Bizâncio e do Islã¹¹⁵”. Todas as contribuições árabes que já foram abordadas neste trabalho, serviram para impulsionar uma Europa totalmente diferente, em que “os venezianos adaptaram as técnicas aprendidas em Tiro, para a fabricação de cristais. Aldeões franceses cultivavam o bicho-da-seda, e teciam panos lustrosos, na tradição oriental”¹¹⁶. As evoluções se estenderam a diversos outros ramos, “os agricultores plantavam a ameixa trazida de Damasco e a cana-de-açúcar vinda de Trípoli. A canela, o cravo e a noz-moscada condimentavam as iguarias da Europa. Os homens se entregavam ao conforto sensual dos banhos de vapor”¹¹⁷.

Essas foram mudanças simples de perceber, contudo,

mudanças ainda mais fundamentais iam surgindo. As famílias feudais viam reduzidos seus cabedais e sua posição; quando queriam financiar a campanha do Oriente, tinham às vezes que vender forais a cidade e liberdade a servos. As cidades mostravam-se agora grandes e soberbas, e dogmáticos os homens recém-libertos. A economia já não se baseava mais em trocas de gêneros e serviços, mas em moeda. Surgiam os príncipes do comércio, rivalizando em prestígio com os barões feudais. Prosperavam mercadores e artesões. Estava sob tensão a própria estrutura da sociedade medieval, e a abalado o seu sistema de vida. Esquecidas as Cruzadas, o Ocidente via-se absorvido por novas aventuras em seu próprio solo¹¹⁸.

Após o término do trabalho, fica a seguinte questão: quantas discussões podem ser abordadas envolvendo as diferenças entre ocidentais e os povos árabes? Poderíamos adiantar que são muitas as questões. Mas ao mesmo tempo poderíamos afirmar que estes povos possuem muito mais em comum do que se imagina. Basta tentar enxergar a história pelos dois lados da moeda, e não apenas pelo lado que é sempre imposto a nós.

¹¹⁴ MAALOUF, A. Op. Cit. p., 245.

¹¹⁵ FREMANTLE, A. Op. Cit., p. 60.

¹¹⁶ Idem, p. 60.

¹¹⁷ Idem, p. 60.

¹¹⁸ Idem, p. 60.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MAALOUF, Amin. As cruzadas vistas pelos árabes. Tradução: Pauline Alphen e Rogério Muio. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- HOURANI, Albert. Uma história dos povos árabes. Tradução: Marcos Santarrita. 2ª ed. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA. – Companhia das Letras, 1994.
- HITCHCOCK, Susan Tyler. História das religiões: onde vive Deus e caminham os peregrinos. São Paulo: Editora Abril, 2005.
- GROUSSET, René. As Cruzadas. São Paulo: Editora Edipe, 1965.
- PORTELLA, Miguel León, ESTÉVEZ, Manuel Gutiérrez, GOSSEN, Gary. H. De palabra y obra em el nuevo mundo. Trainidade: Editora Siglo XXI, 1992.
- LE GOFF, Jacques. Os intelectuais na Idade Média. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2003.
- LE GOFF, Jacques. As raízes medievais da Europa. Tradução: Jaime A. Clasen. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.
- LE GOFF, Jacques. O Imaginário Medieval. Tradução: Manuel Ruas. São Paulo: Editora Estampa, 1994.
- CRUZADA. Direção: Ridley Scott. 20th Century Fox. Reino Unido, 2005.
- DELUMEAU, Jean. História do Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada. Tradução de Maria Lúcia Machado, tradução das notas Heloísa Jahn. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução: Tomás Bueno. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA. – Companhia das Letras, 1990.
- FREMENTLE, Anne. Idade da fé. Tradução: Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1970.
- PEREIRA, Rosalie Helena de Souza (organização). O Islã clássico: itinerários de uma cultura. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- STEWART, Desmond. Antigo Islã. Tradução: Iracema Castello Branco. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1973.
- AL-TABATABAI, Assayed Mohammad Hussein. O Xiismo no Islã. Tradução: Ahmed Abdul Monhem e El-Horr. São Paulo: Chaabá N-1418 Hijrita (embaixada da República islâmica do Irã), 1997.
- O Alcorão. Tradução: Manfour Challita. Rio de Janeiro: Editora ACIGI.

RUST, Leandro D. A medida da Terra Santa: A bula *Ad Liberandam* (1215) e a institucionalização das cruzadas. In: Blasco Vallès, Ricardo da Costa, (Coord). Mirabilia 10: A Idade Média e as cruzadas. Jan-jun de 2010.

Almudena, e COSTA, Ricardo da (coord.). Mirabilia 10. A Idade Média e as Cruzadas, 2010.

MENACHE, Sophia. Mirabilia 10: Love of God or Hatred of Your Enemy? The Emotional Voices of the Crusades, Jan-Jun 2010.

NAVARRO, Carlos. Início das Cruzadas. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=em%2027%20de%20janeiro%20de%201095%2C%20no%20concílio%20de%20clermont%2C%20o%20papa%20urbano%20ii%20exortou%20os%20nobres%20franceses>>. Acessado em: 03/11/2012.

JUNIOR, Demercino. Cruzadas. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiag/cruzadas.htm>>. Acessado em: 14/10/2012.

GONÇALVES, Rainer. Mundo Árabe. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br/historiageral/árabes.htm>>. Acessado em: 07/11/2012

DUARTE, João. Renaud de Châtillon. Disponível em: <comendadoriadesantamariadocastelo.blogspot.com.br/2011/06/renauld-de-chatillon.html>. Acessado em: 15/10/2012.

Papa admite vergonha pelo passado violento dos cristãos. Revista Abril Eletrônica. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/papa-admite-vergonha-pelo-passado-violento-dos-cristaos>>. Acessado em: 18/11/2012.

Apêndice

As imagens abaixo ilustram o momento histórico em que a ignorância de um líder *franj*, lhe custou a vida. A figura 1, representa uma iluminura do século XV, a figura 2, uma parte do filme “*Cruzada*”, que representam o mesmo momento histórico, a morte de Renaud.



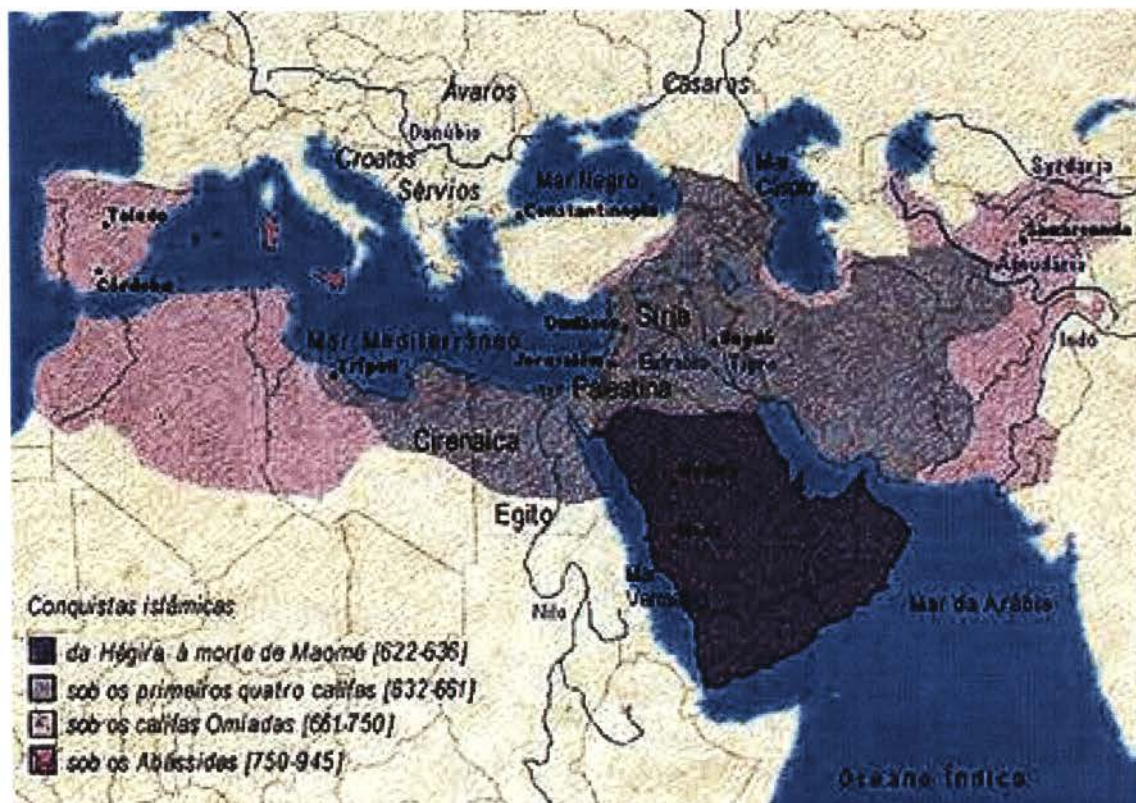
Figura 1: (Luminura do século XV que representa a morte de Renaud de Chatillon – Origem: Guillaume de Tyr, *Historia et continuation* (BNF Richelieu Manuscrits Français 68, folio 399) Fonte: (William of Tyre, *Historia and continuation*. BNF Richelieu French manuscripts 68.)



Figura 2: Filme “*Cruzada*” direção: Ridley Scott (Renaud de Chatillon à esquerda, Guy de Lusignan ao centro e soldado à direita – momento em que o sultão prepara-se para pegar sua espada e desferir um golpe fatal em Renaud – 1h 27mins/33secs)

(Mapa da expansão islâmica do século VII ao X)

Fonte: <http://historiadoresdoamar.blogspot.com.br/2009/06/religiao-islamica.html>



Anexo II

Ficha técnica do filme

Diretor: Ridley Scott

Elenco: Orlando Bloom, Eva Green, Liam Neeson, Jeremy Irons, Jon Finch, Michael Fitzgerald, Brendan Gleeson, Ghassan Massoud, Edward Norton.

Produção: Ridley Scott

Roteiro: William Monahan

Fotografia: John Mathieson

Trilha Sonora: Harry Gregson-Williams

Duração: 145 min.

Ano: 2005

País: EUA/ Marrocos/ Reino Unido/ Espanha/ Alemanha

Gênero: Drama

Cor: Colorido

Distribuidora: Não definida

Estúdio: Scott Free Productions / Twentieth Century Fox Film Corporation / Babelsberg Film / Dune Films / Kanzaman / BK / KOH / Reino del Cielo / Inside Track 3 / Calle Cruzada

Classificação: 16 anos

Sinopse: O filme conta a saga de um jovem ferreiro chamado Balian (Orlando Bloom), que depois de ter perdido tudo na vida, busca redenção. O filme começa na data de 1184, na França. Com a frase inicial: “Cem anos se passaram desde que os Cristãos capturaram Jerusalém. A Europa vive sobre repressão e pobreza. Nobres e camponeses buscam na Terra Santa. fortuna ou salvação”. É neste cenário que se encontra o jovem Balian, que perdeu sua esposa, que suicidou devido à morte do filho. Sem mais perspectiva de vida, chega até seu vilarejo Godfrey de Ibelin (Liam Neeson), um cruzado importante, defensor de Jerusalém e senhor de Ibelin, que vai ao seu encontro com intuito de pedir perdão a Balian por ter se omitido durante todos os anos, devido ao fato de ser o seu pai. Godfrey convida Balian para partir em jornada rumo a Jerusalém, que em um primeiro momento recusa. Mas após matar o padre local que tanto o insultou (O padre para Balian: Era muito melhor você ter ido a Jerusalém, aqui Deus te abandonou. Se aceitar a Cruzada, pode interceder pela alma de sua esposa no inferno. Serei gentil, ela se matou, está no inferno). Balian segue ao encontro de seu pai, e à Terra Santa, em busca de perdão pelos pecados cometidos em sua vida e para tentar salvar a alma de sua esposa e filho.

Anexo III

Cronologia das principais acontecimentos das cruzadas de acordo com o livro “*As cruzadas vistas pelos Árabes*”

Antes da invasão

622: Emigração – Hégira – do profeta Maomé de Meca para Medina: começo da era muçulmana.

638: O califa Omar conquista Jerusalém.

Séculos VII e VIII: Os árabes constroem um imenso império, se estendendo da Índia aos Pirineus.

809: Morte do califa Haron al-Rachid; o império árabe no seu apogeu.

Século X: Embora sua civilização continuasse a florescer, os árabes conhecem uma decadência política. Os califas perdem o poder em proveito de militares persas e turcos.

1055: Os turcos seldjúcidas conquistam Bagdá.

1071: Os seldjúcidas aniquilam os bizantinos em Malazgirt e apoderam-se da Ásia Menor. À exceção do Egito, eles controlaram todo o Oriente muçulmano.

A Invasão

1096: Kalij Aslan, sultão de Nicéia, derrota um exército invasor franco liderado por Pedro o Eremita.

1097: Primeira grande expedição franca. Nicéia é tomada e Kilij Arslan é vencido em Doriléia.

1098: Os franj tomam Edessa e a seguir Antioquia, e triunfam sobre um exército de socorro muçulmano comandado por Karbuka, senhor de Mossul. Episódio dos canibais de Maara.

1099: Queda de Jerusalém seguida de massacres e pilhagens. Destruição de um exército de socorro egípcio. O cádi de Damasco, al-Harwi, dirige-se para Bagdá liderando um delegação de refugiados para denunciar a falta de ação dos dirigentes muçulmanos frente à invasão.

A Ocupação

1100: Baudoin, conde de Edessa, escapa de uma emboscada perto de Beirute e se proclama rei de Jerusalém.

1104: Vitória muçulmana em Harran, que contém o avanço franco na direção de leste.

1108: Curiosa batalha em Tell Bacher: duas coalizões islamo-francas se enfrentaram.

1109: Queda de Trípoli depois de 2000 dias de sítio.

1100: Queda de Beirute e de Saída.

1111: O cádi de Alepo, Ibn-Khachab, organiza uma rebelião contra o califa de Bagdá para exigir sua intervenção contra a ocupação franca.

1112: Resistência vitoriosa em Tiro.

1115: Aliança dos príncipes muçulmanos e francos da Síria contra um exército despachado pelo sultão.

1119: Ilghazi, senhor de Alepo, derrota os *franj* em Sarmada.

1124: Os *franj* apoderam-se de Tiro: eles ocupam doravante toda a costa, à exceção de Ascalon.

1125: Ibn al Khachab é morto pelos Assassinos.

A Resposta

1128: Fracassa um ataque dos *franj* contra Damasco: Zincki torna-se senhor de Alepo.

1135: Zincki tenta, sem sucesso, apoderar-se de Damasco.

1137: Zincki captura Fulque, rei de Jerusalém, mas depois o solta.

1138: Zincki coloca em cheque uma colisão franco-bizantina; batalha de Chayzar.

1140: Aliança de Damasco e de Jerusalém contra Zincki.

1144: Zincki se apodera de Edessa, destruindo os primeiros dos quatro Estados francos do Oriente.

1146: Morte de Zinki, seu filho Nureddin toma seu lugar em Alepo.

A Vitória

1148: Derrota diante de Damasco de uma nova expedição franca conduzida por Conrad, imperador da Alemanha, e pelo rei da França Luiz VII

1154: Nureddin toma controle de Damasco, unificando a Síria muçulmana sob sua autoridade

1163-1169: A luta pelo Egito. Chirkuh, general de Nureddin, acaba por conquistá-lo. Proclamado vizir, ele morre após apenas dois meses. Seu sobrinho Saladino o sucede.

1171: Saladino proclama o termino do califado fatímida. Senhor único do Egito, ele entra em conflito com Nureddin.

1174: Morte de Nureddin, Saladino apodera-se de Damasco.

1183: Saladino apodera-se de Alepo. Egito e Síria estão de agora em diante reunidos sobre sua égide.

1187: Ano da vitória. Saladino derrota os exércitos francos em Hittin, perto do lago de Tiberíades. Ele conquista Jerusalém e amor parte dos territórios francos. Os antigos ocupantes conservam apenas Tiro, Trípoli e Antioquia.

O Sursis

1190-1192: Impasse de Saladino diante de Acre. A intervenção do rei da Inglaterra Ricardo Coração de Leão permite os *franj* reconquistarem do sultão diversas cidades, menos Jerusalém.

1193: Saladino morre em Damasco com 55 anos, ao final de alguns anos de guerra civil, seu império é reunificado sob a autoridade de seu irmão al-Adel.

1204: Os *franj* se apoderam de Constantinopla. Saque da cidade.

1218-1221: Invasão do Egito pelos *franj*. Eles tomaram Damietta e se dirigem para o Cairo, mas o sultão al-Kamel, filho de al-Adel, acaba por lhes repelir.

1129: Al-Kamel entrega Jerusalém ao imperador Frederico II de Hohenstaufen, causando assim uma tempestade de indignação no mundo árabe.

A expulsão

1244: Os *franj* perdem Jerusalém pela última vez.

1248-1250: Invasão do Egito pelo rei da França Luís IX, que é vencido e capturado. Queda da dinastia aiúbida, substituída pelos mamelucos.

1258: O chefe mongol Hulagu, neto de Gengis Khan, saqueia Bagdá, massacrando a população e matando o último califa abássida.

1260: O chefe mongol, que acabava de ocupar o Alepo e Damasco é vencido na batalha de Jalut, na Palestina. Baibars torna-se soberano do sultanato mameluco.

1269: Baibars se apodera de Antioquia, que era aliada dos mongóis. Destruição e massacres.

1270: Luiz IX morre perto de Tunis no decurso de uma invasão fracassada.

1289: O sultão mameluco Qalaun se apodera de Trípoli.

1291: O sultão khalil, filho de Qalaun, toma Acre, colocando fim a dois séculos de presença franca no Oriente.